Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quarta-feira 14.8.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 727 / € 1,50 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

HOSPITAL SANTA MARIA

INTERNOS E ALUNOS DENUNCIAM QUE EXCESSO DE HORAS DE TRABALHO ESTÁ A COMPROMETER FORMAÇÃO

SAÚDE A falta de médicos nos serviços de Medicina Interna está a ter repercussões em Santa Maria. Quem lá trabalha diz que os jovens "são escravizados" e "não têm tempo para comer". Sindicato confirma que a cultura "é de excesso de horas de trabalho" e alerta que a realidade "é sistémica no SNS". O hospital nega as situações. E a Ordem dos Médicos criou grupo para analisar a crise na especialidade.

PÁGS. 4-5

Imagem de *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni. De clássicos da ópera oitocentista à evocação dos 500 anos de Camões, há espetáculos para todos os gostos no Operafest, em Oeiras, Lisboa e no Festival de Óbidos.

A ÓPERA AO ALCANCE DE TODOS

PÁGS. 26-27

DR

Médio Oriente
Irão rejeita apelos do Ocidente e só cessar-fogo pode adiar retaliação
PÁG. 17

Brasil
Lula, Bolsonaro e outras vias medem forças em São Paulo
PÁGS. 18-19

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT
JOÃO ALMEIDA
CICLISTA
"VIAGEM NO TEMPO? SE PUDESSE IRIA AO EGITO ASSISTIR À CONSTRUÇÃO DAS PIRÂMIDES DE GIZÉ"
PÁG. 14

Vítor Cardoso
"Não 'falar' matemática impede-nos de ler o *Dom Quixote* da natureza"
PÁGS. 10-11

FC Porto
Francisco Conceição na Juventus com opção de compra obrigatória de 30M€
PÁG. 22

Livro
Notas de Um Filho da Terra
James Baldwin e o problema americano
PÁG. 25

***RENTRÉE* DO PSD** MONTENEGRO QUER MARCAR A AGENDA NO SEU PRIMEIRO PONTAL A GOVERNAR PÁG. 6

Até ver...

Rui Frias
Editor do Diário de Notícias

Elon e Agostinho

O mundo está um nó difícil de desatar. Entre guerras a escalar, discursos de ódio inflamados, intolerância religiosa, política, racial ou social, o mundo vive num permanente estado de nervos à flor da pele que parece poder fazer estalar uma guerra civil a partir de uma simples fila de supermercado. Ontem mesmo assisti a um casal a enxovalhar uma idosa à sua frente porque esta teve o desplante de atrasar o atendimento ao pedir dois medicamentos de venda livre – "Se está doente vá ao médico ou à farmácia", gritavam-lhe quase a espumar, em protesto pelo meio minuto a mais que tiveram de aguardar. Assim de doente vai este "burgo".

Claro que nada disto seria uma surpresa para o Agostinho. Há pelo menos 40 anos que ele vinha avisando que estes dias iriam chegar. Cigarro no canto da boca, meio bagaço ao lado da chávena do café que ali permanecia horas só para fazer companhia ao copo que se ia renovando, o Agostinho era peça ornamental imprescindível no café do Covas. Tivessem eles sobrevivido o tempo suficiente para usufruir das maravilhas do turismo massificado dos nossos dias e tenho a certeza de que alemães, ingleses, asiáticos e afins fariam fila para uma foto ao lado do Agostinho, com o seu bigode amarelecido de tanto cigarro ali repousar, enquanto lhe ouviam as profecias, com recurso a uma qualquer *app* de tradução no *smartphone*.

O Agostinho era uma espécie de Nostradamus da Areosa (o mesmo sítio que já forneceu um trolha para uma música de Rui Veloso), mas em versão mais sombria. As soluções mais otimistas que se lhe ouviam para qualquer mal variavam entre uma Guerra Civil e a Terceira Guerra Mundial, dependendo se a origem do problema era interno ou externo. Roubaram a loja da Dona Maria? "Isto só lá vai com uma Guerra Civil". Tensões no leste? Queda do Muro? *Perestroika*? Embargo a Cuba? "Vem aí a Terceira Guerra Mundial." Ciganos no bairro? Pretos na zona? Igrejas Evangélicas? "Guerra Civil", claro. Lojas de chineses? Talvez as duas, mesmo.

Naquela época, os nossos pais avisavam para dar "um desconto" ao discurso e aparência rudes do Agostinho, homem de pouca instrução, traumas de guerra vincados num olhar perdido no tempo e no espaço. Hoje, contudo, o Agostinho sentir-se-ia seguramente correspondido no discurso de profetas do apocalipse que movem Exércitos de soldados da intolerância por este mundo fora.

O Padrão de São Lázaro, em Guimarães, foi vandalizado? Isto só se resolve com uma nova guerra contra os mouros, logo se apressaram a espalhar 1143 rapazes que gostam de andar de braço direito estendido. Verdade ou não, pouco importa. Tal como não importou em Inglaterra, onde um boato espalhado sobre a alegada origem do atacante que matou três crianças em Southport originou dias de tumultos promovidos pela extrema-direita, que logo tratou de agitar as bandeiras do costume. Tal como não importa também a quem já liderou, e quer voltar a liderar, a mais poderosa nação do mundo, alavancado em três mentiras por cada palavra proferida. E tal como não importa sequer a quem gere uma das mais importantes plataformas de comunicação do planeta, um Elon Musk cuja vergonha já há muito terá viajado para Marte, a uma velocidade bem superior à das suas naves SpaceX.

O caso de Musk é, aliás, por demais obsceno: depois de ter aberto caminho à proliferação de contas de extrema-direita e de ter reduzido a mínimos a verificação de conteúdos desde que comprou o antigo Twitter (que renomeou como X), perdeu definitivamente o filtro e começou ele próprio a replicar publicações falsas ou não-verificadas na sua conta, qual Agostinho em versão milionária que se tornou dono de um café *online* global com uma audiência de milhões.

Nos últimos dias, o guru da tecnologia defendeu uma "guerra civil inevitável" em Inglaterra, espalhou informações falsas sobre o primeiro-ministro britânico Keir Starmer, bem como sobre a campanha da democrata Kamala Harris nos EUA, e ainda respondeu a um comissário europeu, Thierry Breton, que lhe enviou uma carta aberta a lembrar as obrigações legais da sua plataforma no combate à desinformação, com um eloquente "*fuck your own face*".

Na madrugada de terça-feira em Portugal, Musk, que já endereçou o apoio a Trump para as Presidenciais norte-americanas, promoveu o republicano numa conversa de mais de duas horas entre os dois, em direto na rede social, apoiando sem contraditório tanto as bandeiras ideológicas, como algumas das mentiras patológicas de Trump, perante mais de um milhão de seguidores, muitos deles a teclar vivas aos dois heróis da pós-verdade. E eu senti saudades do Agostinho, que se limitava a proferir sentenças vazias em frente a meio copo de bagaço enquanto lamentava o seu destino.

OS NÚMEROS DO DIA

32,9

MILHÕES DE PASSAGEIROS nos aeroportos nacionais, o que equivale a um aumento de 5,2% no 1.º semestre deste ano.

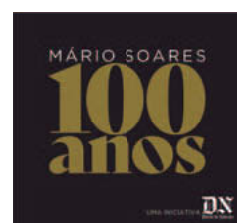
7,2

POR CENTO foi quanto aumentou, entre abril e junho, os custos salariais por hora trabalhada em relação ao período homólogo de 2023, acelerando ligeiramente o ritmo de subida face ao 1.º trimestre (6,6%), anunciou o Instituto Nacional de Estatística (INE).

180

MILHÕES DE EUROS é o financiamento que o Governo vai autorizar para a construção e renovação de escolas, de forma a garantir o cumprimento das metas do PRR.

96

HELICÓPTEROS de combate Apache serão comprados pela Polónia graças a um acordo firmado entre este país e a fabricante aeronáutica norte-americana Boeing pelo valor de 9,14 mil milhões de euros. Os Apaches substituirão Mi-24 de fabrico soviético que a Polónia detinha.

14.8.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

HOSPITAL SANTA MARIA

Internos e alunos denunciam que excesso de horas de trabalho está a comprometer formação

QUEIXAS A falta de médicos nos serviços de Medicina Interna está a ter repercussões em Santa Maria. Quem lá trabalha diz que os jovens "são escravizados" e "não têm tempo para comer". O delegado da Fnam confirma que a cultura "é de excesso de horas de trabalho", mas defende que a realidade "é sistémica no SNS". O hospital nega as situações. E a Ordem dos Médicos criou grupo para analisar a crise na especialidade.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

"Excesso de trabalho nas enfermarias e nas Urgências", no caso dos internos da especialidade de Medicina Interna, e "muitas horas de trabalho nas enfermarias, muitas vezes sem tempo para comer", no caso dos alunos do 6.º ano que estão a estagiar, são queixas recorrentes por parte de quem escolheu esta área no Hospital de Santa Maria. Os relatos de algumas situações chegaram ao DN por quem trabalha na instituição, mas o delegado sindical da Federação Nacional dos Médicos (Fnam), Gustavo Jesus, no que respeita aos internos, diz que a realidade "é conhecida nos serviços, pelas chefias e pelas várias administrações que por ali têm passado". No entanto, argumenta: "Focarmos esta questão só nos Serviços de Medicina Interna do Hospital Santa Maria é estarmos a desfocar-nos do problema e do que é importante", porque "esta realidade é sistémica no Serviço Nacional de Saúde (SNS). Existe em muitos outros serviços e em muitos outros hospitais" e "tem de ser resolvida".

Para as fontes do DN, a situação "é grave e está a colocar em causa a formação dos futuros especialistas e médicos". E o relato que fazem é que "os alunos do 6.º ano, por exemplo, estão a ser escravizados. Estão lá das 8:00 às 19:00, muitas vezes, sem conseguirem comer, e outras ficando desamparados nas enfermarias", reforçando: "Nunca imaginámos que a falta de médicos estivesse a ter tantas repercussões nos internos e nos alunos, porque isto não é formação."

Ao DN, o conselho de administração da Unidade Local de Saúde de Santa Maria (ULSSM) diz "não ter queixas e nem exposições de internos ou de alunos do 6.º Ano da FMUL", referindo até que "há reuniões semanais entre o conselho de administração (CA) da ULSSM e a direção da FMUL, nunca foi reportada nenhuma situação como a que refere". Quanto ao facto de os internos "taparem os buracos" dos recursos humanos, o CA diz que "não corresponde à verdade, conquanto, desde logo, um interno não substituiu um especialista".

Há hospitais em que mais de 80% das vagas ficam por preencher

Confrontado com a questão de Medicina Interna em Santa Maria, o bastonário dos médicos afirma estar "seriamente preocupado com o que se está a passar na especialidade a nível geral, porque não é só a Obstetrícia que está com problemas nos recursos humanos. A Medicina Interna é uma especialidade transversal a todas as outras especialidades médicas e se continuar esta trajetória, cada vez menos internos a escolherem-na, perdemos a capacidade de formar e de captar internistas e é o colapso dos hospitais e do SNS".

Sem querer comentar o caso específico de Santa Maria, por não ter conhecimento do que se passa, Carlos Cortes explica que o problema da Medicina Interna é muito mais abrangente. "Já não é a escolha da maior parte dos internos, como acontecia antigamente. Nos últimos anos, têm sobrado muitas vagas no concurso para a especialidade. Há hospitais em que a percentagem de vagas por preencher atinge os 80% ou mais, o que começa a ser muito complicado."

No caso do Hospital Santa Maria, e de acordo com o mapa de vagas para a especialidade em 2024, foram lançadas 16 vagas e só três foram preenchidas. "O que quer dizer que houve 81,5% de vagas sobrantes, mas Santa Maria não é caso único. Há outros hospitais na mesma situação e a Ordem tem vindo a fazer esse levantamento. É preciso uma revitalização da especialidade", argumenta Carlos Cortes.

A preocupação com esta especialidade agrava-se à medida que o tempo passa, precisamente porque "são os internistas que estão a assegurar funções em muitas áreas hospitalares, tanto podem estar nas enfermarias de Medicina Interna, nas Urgências, onde é uma especialidade basilar, como nas Unidades de Cuidados Intermédios ou Intensivos, como nas comissões de controlo de infeção", reforça.

Ou seja, "o problema é que todas as falhas de recursos nos hospitais são preenchidas por médicos de Medina Interna e é mais fácil obrigar os médicos internos a tapar os buracos dos recursos humanos do que revalorizar a especialidade ou contratar".

Por outro lado, recorda o bastonário, "no momento atual, e com a escassez de médicos, uma boa parte dos especialistas ocupa o seu tempo com as Urgências, mas há tarefas que ali desenvolvem e que não deviam,

ORLANDO ALMEIDA / ARQUIVO DN

Médicos de Medicina Interna foram os mais pressionados durante a pandemia.

HOSPITAIS COM PROBLEMAS NAS VAGAS DE MEDICINA INTERNA 2024

	TOTAIS	SOBRANTES	OCUPADAS	%SOBRANTES
ARSLVT	92	63	29	68,50%
CHUL Norte	16	13		81,25%
H Vila Franca de Xira	5	5		100%
H Santarém	8	8		100%
ARS ALENTEJO	14	9	5	64%
H Évora	4	4		100%
USL Baixo Alentejo	3	3		100%
USL Norte Alentejano | Portalegre	2	2		100%
ARS CENTRO	39	26	13	66,66%
CH Tondela – Viseu	6	5		83,30%
CHU Cova da Beira	3	3		100%
H D Figueira da FOZ	3	3		100%
USL Castelo Branco	4	4		100%
ARS NORTE	81	32	49	39,50%
H N.S. Oliveira Guimarães	6	5		83,33%
RA AÇORES	8	7	1	87,50%
H angra do Heroísmo	3	3		100%
H Ponta Delgada	3	3		100%

porque nada têm a ver com a sua especialidade. Não estou a defender que sejam retirados da Urgência, mas, sim, que não deviam estar sujeitos à pressão que têm agora."

O delegado sindical da Fnam no Hospital Santa Maria, também ele médico de Medicina Interna, agora a trabalhar nos Cuidados Intensivos, insiste na ideia de que "o problema da Medicina Interna é organizacional. É um problema sistémico devido à escassez de recursos humanos". Mas não só.

Esta situação também se deve ao facto de no "SNS existir uma cultura baseada em horas extraordinárias. Como digo, não é só em Santa Maria, mas em muitos outros hospitais". E, hoje, reforça, "a geração que está a fazer o internato está cada vez mais consciente do que quer, e nas suas escolhas pesa muito o facto de poderem trabalhar num ambiente em que a cultura é de permitir conciliar a vida laboral e a vida pessoal ou não".

"Médicos querem trabalhar com qualidade e receber condignamente"

Gustavo Jesus explica que Santa Maria tem "uma cultura baseada em horas extraordinárias sucessivas em favor da instituição, em vez de privilegiar horários que conciliem a vida profissional e a pessoal", reconhecendo que "os internos estão a ser sistematicamente utilizados para dar resposta ao que o hospital não consegue dar de oura forma".

Mas, ao mesmo tempo, destaca que "os formadores, médicos especialistas, também estão exaustos. Trabalham no mesmo processo. Em vez de fazerem as 40 horas semanais fazem 70, 80 ou 100 horas. E obviamente que a situação é um ciclo vicioso que culmina numa formação mais precária".

Aliás, o médico defende até que não são as medidas já tomadas pela tutela que virão resolver esta cultura e a situação que se vive nos hospitais do SNS. "Medidas que apostem cada vez mais nas horas extras e cada vez menos na valorização-base, na formação, na investigação ou no tempo de descanso vão ser cada vez menos atrativas para uma geração que quer conciliar a carreira com a vida familiar".

Para Gustavo Jesus as vagas para o internato de Medicina Interna em Santa Maria e noutros hospitais ficam por preencher precisamente porque "quem está em situação de escolher uma vaga para internato está ciente da prática em cada hospital, sabendo de antemão que se for para um determinado serviço poderá conciliar a sua vida profissional com a pessoal, e que se for para outro, não".

"Nos últimos três anos, mais de mais de metade das vagas em Santa Maria ficaram em aberto. Entre escolher Medicina Interna em Santa Maria ou não escolher qualquer especialidade, há centenas que optam por não escolher nenhuma especialidade".

Como especialista em Medicina Interna e como orientador de internos, Gustavo Jesus alerta para a questão e pede soluções à tutela e a quem gere hospitais, sublinhando: "A Medicina Interna é uma especialidade central num hospital e quanto menos pessoas a escolherem menos profissionais teremos em formação. E os que já lá estão ficarão cada vez mais sobrecarregados".

> *"A Medicina Interna é uma especialidade transversal a todas as outras especialidades médicas e se continuar esta trajetória, cada vez menos internos a escolherem-na, perdemos a capacidade de formar e de captar internistas e é o colapso dos hospitais e do SNS."*
>
> ***Carlos Cortes,***
> *Bastonário da Ordem dos Médicos*

Só que depois, há ainda outra situação. "Os internos acabam a especialidade e as próprias unidades têm dificuldades em retê-los", reforçando que "os médicos não querem fazer 80 ou 90 horas por semana, querem trabalhar com qualidade e ganhar condignamente."

A Ordem dos Médicos criou um grupo de trabalho, que reúne elementos do Colégio da Especialidade e da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna que "estão a fazer um levantamento das dificuldades nesta especialidade em todos os hospitais do país e a tentar encontrar soluções para as resolver", refere Carlos Cortes.

"Do ponto de vista da Ordem, a Medicina Interna tem de adquirir uma posição ainda mais central naquilo que é a gestão de doentes dentro hospitais em qualquer reforma profunda no SNS. Daí a importância da formação e da sua qualidade."

Para o representante dos médicos "a crise na Medicina Interna não é um problema exclusivo desta ou daquela unidade. É transversal no país e tem sido desvalorizada, e isso pode ter um impacto muito negativo na especialidade e no SNS".

O grupo de trabalho da Ordem já produziu um documento que "está a ser discutido internamente e com os médicos de Medicina Interna para, depois, ser apresentado à ministra da Saúde", a quem estas preocupações já foram transmitidas.

anamafaldainacio@dn.pt

Montenegro subiu ao palco em 2023 sem saber quando venceria eleições.

FACEBOOK PSD

Montenegro quer marcar a agenda no seu primeiro Pontal a governar

RENTRÉE PSD arranca regressos dos partidos com o líder empenhado no novo ciclo. Após dois verões na oposição, volta a Quarteira como primeiro-ministro e com o Orçamento para aprovar.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

A necessidade da aprovação do Orçamento do Estado para 2025, apresentado como um instrumento essencial para assegurar o crescimento económico do país e a melhoria no rendimento das famílias portuguesas, será uma das notas mais marcantes da intervenção de Luís Montenegro no início desta noite, no Calçadão de Quarteira, onde decorre a Festa do Pontal, como se continua a designar a *rentrée* política do PSD.

Sendo a primeira Festa do Pontal de Luís Montenegro na qualidade de primeiro-ministro, após duas edições em que o presidente do PSD liderava a oposição a António Costa, é natural que os papéis se misturem. E que, após semanas em que imagens das urgências hospitalares encerradas desgastaram o Governo da Aliança Democrática, com a ministra da Saúde, Ana Paula Martins, na mira da oposição e dos profissionais do setor, o principal orador da Festa do Pontal procure recuperar a iniciativa na marcação da agenda política. Algo que passa por tentar transpor pressão para outros partidos, nomeadamente o PS e o Chega, no que diz respeito à aprovação do documento que até 10 de outubro será entregue na Assembleia da República pelo ministro das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento.

Antecedido por uma intervenção de Cristóvão Norte, deputado que preside à distrital de Faro do PSD, círculo onde os sociais-democratas assistiram à vitória do Chega nas últimas legislativas, Luís Montenegro começará a discursar cerca das oito da noite. E em condições muito diferentes daquelas que viveu nas duas edições anteriores, nomeadamente a de 2022, quando o aparecimento de Passos Coelho, ex-primeiro-ministro e ex-presidente do PSD, acabou por retirar protagonismo ao então recém-eleito sucessor de Rui Rio. Já no ano passado, numa conjuntura em que nada fazia suspeitar que a maioria absoluta do PS não seria suficiente para que António Costa pudesse bater o recorde de permanência no poder detido por Cavaco Silva, Montenegro aproveitou o seu discurso para pedir uma descida de impostos.

Desta vez não se esperam visitas inesperadas, mas o Governo – e as mais altas figuras do PSD – devem concentrar-se em Quarteira, numa festa com diversidade gastronómica assegurada – as bifanas, pregos e porco no espeto convivem com nachos, burritos e *kebab* – e que inclui, a partir das 21.30 horas, o concerto de José Cid.

Última festa no poder foi dividida a dois

A última *rentrée* do PSD no poder ocorreu a 15 de agosto de 2015, e foi celebrada em conjunto com o CDS-PP, parceiro da coligação Portugal à Frente. Seriam os mais votados nas legislativas desse ano, mas sem maioria absoluta, o que abriu caminho ao entendimento da esquerda, alcunhado de "Geringonça", graças ao qual António Costa se tornou primeiro-ministro. Sem imaginarem o que viria a acontecer, Passos Coelho e Paulo Portas protagonizaram a festa em Quarteira.

Pedro Duarte para o Porto

Confirmada ontem foi a candidatura de Pedro Duarte, ministro dos Assuntos Parlamentares, à distrital do Porto do PSD, na sequência das desistências do eurodeputado Sérgio Humberto, que se recandidatava ao cargo, e ainda do ex-presidente da Câmara de Penafiel, Alberto Santos.

Numa declaração que enviou à Lusa, Pedro Duarte disse que foi "sensível aos inúmeros apelos" para que se candidatasse à presidência da distrital social-democrata, cujos órgãos já integrava. E referiu que "o apoio ao Governo que está a transformar Portugal e a preparação das eleições autárquicas são desafios muito relevantes e que exigem um grande esforço e toda a dedicação e disponibilidade por parte de todos."

A candidatura de Pedro Duarte à distrital social-democrata reforça a convicção, entre militantes e dirigentes do PSD, de que o atual governante está bem posicionado para tentar conquistar a Câmara do Porto nas próximas eleições autárquicas, que se realizarão em setembro ou outubro de 2025. Com Rui Moreira impedido de ir a votos, por limitação de mandatos, o movimento que criou pode vir a apresentar o atual vice-presidente da autarquia, Filipe Araújo, numa candidatura independente – sendo incerto que se repita o apoio do CDS-PP e da Iniciativa Liberal, com o qual Moreira contou nos seus últimos mandatos –, e o PS tem igualmente a ambição de recuperar uma das maiores câmaras do país. Os ex-ministros socialistas Manuel Pizarro e José Luís Carneiro são vistos como boas apostas para concretizar um objetivo que foge desde as autárquicas de 2001.

REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

Manuel Castro Almeida, o ministro da Coesão Territorial, quer acautelar atrasos em projetos contratualizados.

Governo destina 180M€ do PRR para as escolas

FINANCIAMENTO 75 escolas serão renovadas ou construídas de raiz, com a maior fatia (60 milhões de euros) prevista para a CCDR do Centro.

O Governo vai autorizar um financiamento de 180 milhões de euros para a construção e renovação de escolas para garantir o cumprimento das metas no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), anunciou ontem o Ministério da Coesão Territorial.

"O Governo vai autorizar as Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR) a atribuir financiamento aos municípios, até ao montante de 180 milhões de euros, para a construção e renovação de escolas", refere o executivo em comunicado.

De acordo com o gabinete do ministro Adjunto e da Coesão Territorial, Manuel Castro Almeida, a medida vai permitir aprovar candidaturas que, inicialmente, não estavam contempladas no concurso lançado no âmbito do PRR.

O executivo quer, assim, acautelar atrasos nos projetos que já foram contratualizados no âmbito destes fundos comunitários e, através deste *overbooking*, garantir que é cumprida a meta fixada, que prevê a construção ou renovação de 75 escolas até junho de 2026.

"Este investimento adicional cria uma rede de segurança que nos permitirá, perante eventuais atrasos na conclusão das intervenções financiadas pelo PRR, cumprir as metas previstas e não desperdiçar verbas", sublinha o ministro Castro Almeida, citado em comunicado.

Dos 180 milhões de euros agora autorizados, a maior fatia vai para a CCDR do Centro (60 milhões de euros). O Norte e Lisboa e Vale do Tejo recebem 50 milhões de euros, 12 milhões de euros serão atribuídos ao Algarve e oito milhões de euros estão previstos para o Alentejo.

> Ministério da Coesão Territorial explica em comunicado que a prioridade na intervenção será aplicada a escolas que já estão em fase de construção.

As intervenções a financiar serão selecionadas de acordo com a "maturidade do projeto", refere a tutela, que explica que a primeira prioridade serão as escolas já em fase de construção, seguidos dos projetos adjudicados e, por fim, dos projetos com aviso de concurso já publicado.

"Em caso de empate na seleção das intervenções, aplicar-se-á o critério da ordem de receção de candidaturas ao concurso aberto em janeiro de 2024", acrescenta o comunicado.

Os contratos ao abrigo do PRR, que representam um investimento de 450 milhões de euros, já foram todos assinados.

"Numa próxima fase, serão financiadas as demais escolas abrangidas pelo acordo celebrado com a Associação Nacional de Municípios, estando, para esse efeito, a decorrer um procedimento de empréstimo junto do Banco Europeu de Investimento", acrescenta a tutela.

DN/LUSA

BE acusa ministro das Infraestruturas de lesar interesse público na CP

AUDIÇÃO O partido quer ouvir Miguel Pinto Luz no Parlamento depois de o governante afirmar que "não é saudável investir tanto em comboios".

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

O BE entregou ontem na Assembleia da República um requerimento para ouvir o ministro das Infraestruturas e Habitação, Miguel Pinto Luz, a propósito do plano de negócios para a CP - Comboios de Portugal. De acordo com o partido, em causa está o interesse da empresa em investir em "14 automotoras para serviços de alta velocidade", que contrasta com a perspetiva do governante, ao afirmar que não é "saudável para o mercado o Estado investir tanto em comboios".

Esta missiva bloquista partiu de uma notícia do jornal *Público*, de 8 de agosto, onde é sublinhada a perspetiva de Miguel Pinto Luz sobre o investimento na ferrovia.

Ao DN, a deputada do BE Marisa Matias, que assina o requerimento, disse não ser compreensível a posição do ministro, "até porque não cabe ao Governo tomar decisões a este respeito".

Marisa Matias reforçou a ideia de que "a CP decidiu que deveria comprar 14 automotoras, especificamente para os serviços de alta velocidade, e não cabe ao ministro, não cabe ao Governo, tomar decisão em relação a esta decisão da CP", sendo esta uma matéria sobre a qual deve pronunciar-se a Autoridade da Mobilidade e do Transporte.

Questionada sobre as eventuais consequências para o mercado dos serviços de alta velocidade poderem estar dependentes de uma única operadora, Marisa Matias lembra que "a CP desenvolve um serviço numa área estratégica" e que " os caminhos de ferro são absolutamente fundamentais, não só para a modernização do país, mas também quando pensamos em desenvolvimento sustentável, como é o caso das alterações climáticas".

"Portanto não percebemos qual é a perniciosidade que nos pode levar a um mercado neste tipo de investimento. A única explicação que pode haver é que o Governo queira favorecer operadores privados", aponta a deputada, acrescentando que o partido entende que é melhor este serviço ser "cumprido pela CP do que colocando uma lógica de concorrência com os empresários privados. Não é compreensível a informação do ministro e é por isso que é necessário que sejam prestados esclarecimentos", explica. "Cremos que a posição do ministro é lesiva do interesse público", conclui.

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

Marisa Matias assina o requerimento do BE para ouvir Pinto Luz.

Opinião
Luís Vidigal

A face oculta do Cadastro Predial

A quem não interessa a transparência do país?

Em mais uma época de incêndios florestais, a ausência de um Cadastro Predial para todo o território português volta a estar na ribalta e continuam a levantar-se muitas dúvidas sobre as opções políticas que têm rodeado este que deveria ser um dos maiores desígnios nacionais: o conhecimento do território.

Por que será que Portugal não é o mesmo para todos quantos participam na gestão, exploração e valorização do território? A quem não interessa que se conheçam as mudanças de propriedade quando se anunciam investimentos? A quem não interessa que se conheçam as valorizações especulativas na conversão de terrenos rurais em zonas urbanas nas autarquias, que mais parecem "casas da moeda" a multiplicar dinheiro?

Por que será que se abrem e se fecham sucessivos buracos nas nossas ruas, para instalar condutas e cabos de diversas entidades, que não partilham os seus Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e não sincronizam entre si as suas obras?

Ao longo de dezenas de anos sucederam-se as iniciativas, sem nunca conseguirmos chegar ao fim no conhecimento do país como um todo. Recordamos o SNIG, o SiNErGIC e mais recentemente o Balcão Único do Prédio (BUPi), assim como as iniciativas setoriais como o "Zonamento" para os censos estatísticos do INE, o "Parcelário" para controlo dos subsídios à agricultura e pecuária, o Cadastro Florestal, entre outros.

Sem um Cadastro Único, os operadores regulados de telecomunicações, energia, estradas, águas e saneamento, são obrigados a criar os seus próprios cadastros georreferenciados de base, com um evidente desperdício de recursos.

À Direção-Geral do Território (DGT), enquanto autoridade nacional do cadastro, caberia assegurar a representação georreferenciada do país, ao Instituto dos Registos e Notariado (IRN) competiria apenas a identificação dos verdadeiros proprietários e à Autoridade Tributária (AT) caberia somente definir o imposto a cobrar.

Face aos atrasos na criação do Cadastro, nas suas dimensões geográficas, jurídicas e fiscais, temos assistido nos últimos anos a um grave desrespeito institucional da parte do Ministério da Justiça, ao assumir para si uma competência de georreferenciação do país no âmbito do BUPi, com o habitual "chega para lá que eu faço", numa luta entre protagonistas que se aproveitam do vazio de governação.

De facto, não deveria competir ao Ministério da Justiça, mas sim à DGT, enquanto autoridade nacional do cadastro, a coordenação do Sistema Nacional de Informação Geográfica, a certificação dos técnicos de cadastro e a interoperabilidade dos dados, garantindo a coerência necessária à integração com os metadados específicos de acordo com a diretiva INSPIRE, podendo-se contar igualmente com o contributo precioso dos SIG do Centro de Informação Geoespacial do Exército.

A resolução das disputas de herdeiros e a identificação dos proprietários são sem dúvida as tarefas mais difíceis, o que obriga a contar com o contributo ativo das autarquias e ir ao terreno confirmar junto dos mais velhos a delimitação dos marcos e dos polígonos, com o máximo rigor técnico e tendo em vista à identificação dos seus donos efetivos, para evitar conflitos e o *far west* declarativo a que estamos atualmente a assistir.

Na Europa, apenas Portugal e a Grécia ainda não têm cadastro. Há mais de 20 anos que alguns economistas, como o prof. Augusto Mateus, demonstraram que a rentabilidade do cadastro teria um retorno cinco vezes maior ao seu investimento, mas hoje constata-se que, com as tecnologias atuais, o retorno económico seria muito mais elevado e os prazos de realização muito mais curtos.

Entretanto, foram-se acumulando prejuízos decorrentes da falta de informação territorialmente relevante, de suporte às políticas de gestão e planeamento de áreas como a Saúde, a Educação, a Justiça, a mobilidade, os recursos naturais, os licenciamentos, as infraestruturas económicas, o combate à corrupção, entre outras.

Apesar dos méritos da Estratégia Nacional de Territórios Inteligentes (ENTi), que está em curso até 2030, tendo como prioridade o desenvolvimento de mais um portal sobre cidades inteligentes (*smart cities*), baseado numa estratégia de dados abertos, é lamentável que o desígnio do Cadastro Predial (rural e urbano) tenha sido totalmente omitido e o papel da DGT mais uma vez menosprezando.

A APDSI, enquanto associação de utilidade pública, tem vindo a lançar, ao longo de mais de 20 anos, vários estudos e tomadas de posição, denominadas "Portugal é um só", com vista à criação de um programa nacional de governação da informação georreferenciada do território português, de forma transversal, que envolva todas as entidades relevantes.

Há mais de 30 anos que assistimos às controvérsias na criação de um "Cadastro Multifuncional", em que seria possível partilhar a mesma representação de Portugal, com dados georreferenciados abertos e gratuitos, a que se acrescentariam múltiplos *layers* com dados sobre recursos agrícolas e florestais, telecomunicações, energia, estradas, vias férreas, águas e saneamento, entre outros. No entanto, os "negócios" dentro do Estado e as disputas de competências e de protagonismos têm bloqueado este percurso verdadeiramente estruturante e necessário para o desenvolvimento integrado do país.

Representante da sociedade civil na Rede Nacional de Administração Aberta.

Opinião
Jorge Costa Oliveira

Porque cai o investimento estrangeiro na China

Depois de uma década de elevado investimento direto estrangeiro (IDE) na China, que culminou num máximo histórico de 107,2 mil milhões de dólares (mM$) no Q1 de 2022, o IDE na China caiu 29,1% em termos homólogos, entre janeiro e junho de 2024, um declínio recorde nos primeiros seis meses do ano.

Quais são as razões subjacentes a esta redução significativa?

Na última década, os custos laborais na China aumentaram a um ritmo muito mais elevado em comparação com concorrentes regionais, enquanto a produtividade laboral no país crescia lentamente.

Outros custos, como a energia e as rendas de espaços comerciais ou industriais, também aumentaram significativamente.

O crescimento da economia chinesa desacelerou, estando o seu PIB a crescer a ritmo mais lento que o de países como a Índia, o Vietname, as Filipinas, a Malásia e a Indonésia. O aumento do custo de vida, a quebra dos preços do imobiliário, o aumento da dívida privada e as perspetivas negras quanto à evolução demográfica são fatores que contribuem também para desencorajar potenciais investidores na China.

A incerteza decorrente de guerras tarifárias e comerciais entre os EUA (e a UE) e a China levaram à adoção de políticas ocidentais de *reshoring* e *nearshoring* e, ainda, à promoção de cadeias de valor domésticas mais autónomas. Novas e agravadas tarifas, medidas *antidumping* e outras restrições ao comércio têm levado muitos investidores a procurar outros países, como base para a produção de bens sujeitos a tais restrições nos EUA e na UE se fabricados na China (ex.: material fotovoltaico) ou vice-versa (ex.: semicondutores avançados).

A crescente tensão geopolítica entre a China e o Ocidente+, decorrente da progressiva expansão internacional da China, quer económica quer militar, inquieta os principais países ocidentais, em especial os EUA, que a consideram um perigo para a sua hegemonia global. A postura chinesa de neutralidade colaborante [com a Rússia], face à guerra iniciada pela invasão da Ucrânia pela Rússia, agravou essa perceção e levou o Ocidente a impor restrições à entrada de empresas chinesas nos seus mercados. A aplicação de medidas simétricas pela China tem levado grupos ocidentais a sair da China (ex.: Dell, Samsung, Daikin) ou a restringir a sua operação na China à produção para o mercado doméstico (ex.: Sony); outros (ex.: Apple, HP) planeiam mudar o seu principal centro de produção – sobretudo para o Sudeste Asiático e a Índia –, mas a escassez de trabalhadores ou fornecedores qualificados ainda não lhes permite tal.

A era da China como fábrica do mundo para onde grupos transnacionais estrangeiros deslocalizam a sua produção parece estar a chegar ao fim.

PIB chinês cresce a ritmo mais lento que o de países como a Índia, o Vietname, as Filipinas, a Malásia e a Indonésia.

Consultor financeiro e *business developer*
www.linkedin.com/in/jorgecostaoliveira

Vítor Cardoso
"Não 'falar' matemática impede-nos de ler o *Dom Quixote* da natureza"

LANÇAMENTO Vítor Cardoso, físico e especialista em buracos negros e ondas gravitacionais, dá-nos um livro sobre ciência e curiosidade; sobre o princípio de tudo e os seus possíveis fins. Também se detém no tempo, enquanto construtor, mas também na sua ruína. *O Eclipse do Tempo* trata de desinquietações e de angústias. E de como avançar.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

Ao longo de anos, o baterista americano, amador da música, Ralph Leighton sentou-se frente a um colega de banda e gravou demoradas conversas. O produto de tal empresa originou o livro de 1985, *Está a Brincar Sr. Feynman.* As páginas desta obra traçam um roteiro no continente intelectual do homem que recebeu o Prémio Nobel da Física em 1965.

A vida de Richard Feynman [1918-1988] combina acontecimentos improváveis: Participou no *Pojeto Manhattan*, conducente à bomba atómica, arrombou os mais "seguros" cofres de Los Alamos, estudou a velocidade de rotação do prato, investigou o desastre do vaivém espacial *Challenger* da NASA, foi considerado intelectualmente débil por um psiquiatra das Forças Armadas americanas.

Feynman teve também o dom de mudar muitas vidas. Uma delas, a milhares de quilómetros de distância e num outro tempo. Em Portugal, um jovem aspirante a físico leu *Está a Brincar Sr. Feynman.* O jovem, agora professor catedrático e professor distinto do Instituto Superior Técnico, refere a propósito do livro do norte-americano: "O meu respeito pela ciência subiu ainda mais quando li este livro. Ali aprendi que podemos, e devemos, explorar os limites da nossa mente, da nossa capacidade, mas que nunca nos devemos levar demasiado a sério. E creio que me diverti sabendo que podemos ser os protagonistas do nosso próprio filme, uma estrela de *rock* no nosso concerto".

Vítor Cardoso, físico, é autor do livro *O Eclipse do Tempo* (edição Oficina do Livro).

No prólogo que escreve no livro, o físico teórico Emanuele Berti baliza-lhe os objetivos: "É acerca de grandes questões. O que é o tempo? O que é a luz? Como mudou, a mecânica quântica, a nossa visão do mundo? O que são os buracos negros e ondas gravitacionais?" As perguntas alongam-se, o texto de Vítor Cardoso viaja até aos buracos negros, ao princípio e ao fim do Universo e a conceitos como a queda da luz (já lá iremos).

> "Os buracos negros são o fim do mundo, e do nosso conhecimento, literalmente. São um rasgo no Universo e, por isso, defendemos durante décadas que o Universo nunca poderia criar uma besta como esta, até percebermos que não havia saída: o Universo tinha de os produzir."

O livro "nasceu da vontade de partilhar", como confidencia o autor na introdução à obra, para acrescentar: "Gostaria de partilhar a imagem que tenho da ciência e de como cada uma das conquistas que fizemos ao longo de centenas de anos se encaixa no edifício científico."

O objeto que Vítor Cardoso abarca é vastíssimo. Trará ao autor angústia? Numa entrevista anterior, o físico confidenciara que o "move o desejo de sair da angústia". Dá-nos mote para perguntar: A vida de um físico faz-se na angústia, especialmente quando a dedica a estudar buracos negros e ondas gravitacionais? Vítor Cardoso reitera na afirmação: "Move-me o desejo de sair da angústia da ignorância. A passagem das trevas para a luz é dos maiores prazeres que podemos experimentar, e é um prazer tão grande que queremos repetir o processo. Vamos atrás de outras grandes questões às quais ninguém sabe responder para, durante umas horas ou dias sermos os únicos seres no planeta a saber a resposta. Neste processo, uma angústia ficou por satisfazer: a de que os meus recursos intelectuais são finitos, o que me deixa numa luta constante contra a vozinha que sussurra 'não és bom o suficiente, não consegues ir além disto', e eu sussurro 'ai consigo, consigo' e aprofundo mais um pouco, leio mais um pouco, vivo mais um pouco. Nisto, desgasto-me, aprendo. A voz está sempre lá a incomodar-me, mas de cada vez que faço algo novo, ela cala-se."

Vítor Cardoso diz que "a matemática não é difícil", mas sim "bela e necessária".

"Os buracos negros são o fim do mundo"

Serve o título da presente obra de mote para alargarmos o conceito de eclipse. Este remete-nos, em sentido lato, para obscurecimento, desaparecimento ou ausência, Associamo-lo a um evento astronómico que relaciona dois objetos celestes. O livro do também docente na Universidade de Copenhaga empurra-nos para outro tipo de eclipse. "A etimologia da palavra vem do latim *eclipsis, -is,* do grego *ékleipsis, -eôs,* abandono, destruição, ruína, eclipse.

O livro é sobre a ruína do tempo em diferentes sentidos. Porque os séculos derrotaram ideias, e elevaram outras, e sobre essas ruínas construímos o que sabemos hoje. E aquilo que sabemos hoje, o nosso edifício científico será talvez as ruínas sobre as quais iremos construir o futuro. Mas a ciência constrói e destrói apenas depois e ao longo de um diálogo com a natureza e com a comunidade. Há algo de mágico neste processo, em que conseguimos ser mais do que nós próprios, ir para além dos nossos defeitos. A noção de tempo relativo é bem ilustrativa disto, fomos da noção de tempo absoluto de Newton, para uma noção relativa de Einstein. As ruínas têm um propósito, são o ponto de partida para algo melhor", sintetiza Vítor Cardoso.

Do subtítulo da obra também extraímos as palavras *Guia para Entrar em Buracos Negros.* "Nos buracos negros o tempo não existe, está sempre de mão dada com o espaço. O tempo eclipsa-se por trás do tecido espaciotemporal. É claro que faz sentido falar em tempo, também ao pé de buracos negros, mas aí é uma medida tão 'arbitrária' que perde o uso que lhe damos na Terra. O tempo eclipsa-se, podemos ver o tempo de outros a parar, objetos eternamente (ou quase) em queda."

Vítor Cardoso dá-nos o mote para nos aproximarmos – cuida-

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

dosamente – dos buracos negros. Perguntamos: o que há de tão magnífico num buraco negro que o tornou durante décadas uma impossibilidade no Universo?

Responde-nos o físico: "Os buracos negros são o fim do mundo, e do nosso conhecimento, literalmente. São um rasgo no Universo e, por isso, defendemos durante décadas que o Universo nunca poderia criar uma besta como esta, até percebermos que não havia saída – o Universo tinha de os produzir, pelo menos sabendo o que sabemos hoje. Mas ainda não sabemos descrever o interior de um buraco negro."

Em teoria se mergulhássemos num buraco negro, "seria o fim, o nosso fim. Mas morreríamos vendo coisas que nunca mais ninguém viu", exalta Vítor Cardoso, e acrescenta: "Um buraco negro é um vazio no espaço-tempo, torcido sobre si mesmo, de tal forma que criou um cisma entre o interior e o exterior: o interior não consegue comunicar com o exterior. O interior abriga a mãe que deu origem à distorção, mas abriga-a em condições que desconhecemos. O tempo para no cisma, se me atirar em direção a um buraco negro, nunca mais me hão de ver a envelhecer", elucida o especialista em ondas gravitacionais para acrescentar: "O exterior é um vazio, mas distorcido, e, portanto, interessante. Por exemplo, existe uma região no exterior de um buraco negro onde a luz orbita, onde a luz cai continuamente. Isto é, se acender uma lanterna nesta região, alguma da luz vai atingir-me na parte de trás da cabeça."

O ECLIPSE DO TEMPO
Vítor Cardoso
Editora: Oficina do Livro
200 páginas

O livro traz-nos, precisamente, conceitos como o atrás abordado: A luz cai? "Sim. Enquanto lemos esta frase a luz caiu. Não o conseguimos perceber, o que é interessante, e nos mostra a quantidade potencial de segredos invisíveis, apenas porque não somos bons o suficiente a ver ou a ouvir. A luz cai, devido à gravidade. Tudo cai. E a implicação, como mostro no livro, é que pode haver estrelas de onde a luz nem sequer consegue sair. E o nosso Universo é tão interessante que, se algo pode acontecer irá, sem dúvida, acontecer".

Matemática, a língua da natureza

Todo o livro de Vítor Cardoso está imbuído de alternância. O próprio explica-o na introdução que escreve à obra: "Por vezes faço ligações que gostaria de ver em tudo o que me rodeia (...) Outras vezes descrevo o que se passa como gostaria que me fosse explicado numa conversa de café (...). Alguém uma vez escreveu que por cada equação se perde uma percentagem dos leitores."

O membro fundador da Sociedade Portuguesa de Relatividade e Gravitação não as arreda, às equações, do seu livro. Fá-lo em respeito às explicações que nos traz. A matemática não foge à escrita fluente do autor: "Este canal ou linguagem [a matemática] é a única através da qual conseguimos descrever o mundo, apreender a realidade, de uma forma sistemática, elegante, poderosa. Não 'falar' matemática impede-nos de ler o *Dom Quixote* ou os *Cem Anos de Solidão* da natureza, ou impede-nos de ver o *Guernica* do Cosmos. Já nem falo de ter uma vida ativa totalmente funcional. Falo de coisas muito mais profundas, falo da capacidade de encantamento", detalha Vítor Cardoso e continua: "A capacidade de nos deliciarmos com o número pi ou de perceber padrões no mundo que nos rodeia, só pode ser plenamente apreciada sabendo falar matemática. A matemática não é difícil, é bela e é necessária. Vamos usá-la."

Vítor Cardoso olha para uma equação matemática e detém-se em encanto. Di-la "povoada de segredos". "Em Física, uma equação descreve a realidade, tal como a conhecemos. Tomemos a Lei de Newton, que é um exemplo paradigmático: a força entre dois corpos ("corpos" pode ser qualquer coisa, como duas pessoas, ou dois planetas) vale m1 m2/r^2, onde m1 e m2 são as massas de cada um e r a distância entre eles. Esta relação foi escrita por um ser humano, na tentativa de capturar matematicamente o que observamos no dia a dia ou através de experiências cuidadosas. Mas o Universo é tão fantástico que esta mesma relação é universal: descreve a atração gravitacional entre quaisquer corpos, em qualquer parte do Universo e em qualquer altura. Este é um segredo. O outro segredo que as nossas equações encerram é que são uma caixinha de surpresas para entender o mundo. Por exemplo, algum tempo depois de ser formulada, pensamos: se quaisquer corpos se atraem, com uma força tanto mais forte quanto menor for a distância, então a Lua atrai mais a parte da Terra que lhe está mais próxima. E com isso conseguimos descrever as marés: não só as duas marés diárias, mas a amplitude das marés."

A data em que tudo se alterou

O livro de Vítor Cardoso dá-nos uma data muito precisa: 7 de outubro de 1900. Escreve que nesse dia "tudo se alterou". "Esta data corresponde ao nascimento da Mecânica Quântica. Um dos saltos no nosso conhecimento, que implicou uma mudança de linguagem e de filosofia na forma como vemos e medimos o que nos rodeia. É uma data histórica, que aconteceu porque somos curiosos e queremos saber como as coisas funcionam. E foi ao fazer medições precisas que percebemos que a matemática que tínhamos até então não era boa o suficiente. Demos um salto quântico em 1900, enquanto espécie."

"Somos curiosos." A expressão dá-nos mote para a pergunta seguinte: Falta-nos presentemente curiosidade? Aquela que nos dá o impulso para um conhecimento científico e filosófico mais completo? "Não nos falta curiosidade, mas falta-nos mais estímulo para a satisfazer até ao fim. Acarinhemos mais quem quer saber, sem querer construir nada de útil, sem querer começar uma *startup* ou registar uma patente. Digamos sim a quem quer perder o jantar para estudar uma equação, porque há um detalhe interessante. Preocupa-me que sacrifiquemos a profundidade em prol da quantidade. Mas, acredito na espécie, ainda."

O Eclipse do Tempo também trata do fim, ou melhor de vários fins ("o fim do interesse pela ciência", "o fim do mundo", "a teoria final"). Fins que nos são externos e aqueles que potencialmente podemos provocar. Diz o autor que "um fim causado pela nossa curiosidade não seria um mau fim".

Porquê? Responde-nos com humor: "Se temos de acabar, que acabemos porque quisemos saber mais. Não somos nada, mas caramba, tenhamos pelo menos a capacidade de nos pasmar e entusiasmar."

Onda de calor chega a Portugal e Interior deve passar os 40 graus

METEOROLOGIA Temperaturas vão subir, mas a vaga de calor portuguesa não está ligada à que se tem sentido no resto da Europa. Proteção Civil está atenta e irá adequando meios no terreno.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

As temperaturas sobem a partir do dia 15 e poderá haver uma onda de calor a partir de dia 20.

MIGUEL PEREIRA/GLOBAL IMAGENS

Nos próximos dias, as temperaturas vão continuar a subir, para valores próximos dos 40 graus, ou até mesmo atingindo essa barreira, na sexta-feira, 16, em Évora.

Apesar de estarmos em pleno agosto e as temperaturas serem, naturalmente, quentes, haverá um aumento significativo por estes dias. "Isto é o novo normal", alerta o climatologista Filipe Duarte Santos. "O novo normal é termos ondas de calor mais intensas e mais prolongadas, em consequência das alterações climáticas, e que são sentidas pelas pessoas", refere. "Estas variações de temperatura têm a ver com a circulação geral da atmosfera e com o aumento da temperatura média global da atmosfera à superfície", prossegue o especialista: "Sempre houve ondas de calor, mas agora são mais intensas."

Ao DN, o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) revela que, de facto, tudo aponta para uma onda de calor, mas apenas no interior de Portugal Continental. "As previsões neste momento apontam para uma subida de temperatura a partir de dia 15, mantendo valores acima da média nos dias seguintes, especialmente no interior do território, havendo a possibilidade de essa região entrar em onda de calor , a partir de dias 20 ou 21."

No litoral ,"a temperatura irá sofrer algumas variações, resultantes de uma maior influência marítima, sendo que neste momento os dias mais quentes previstos são os dias 15 e 16, seguidos de uma descida no dia 17, pelo que é pouco provável a ocorrência de uma onda de calor", explicita o IPMA. E acrescenta: "A partir de dia 15, e pelo menos até ao início da próxima semana, preveem-se valores de temperatura máxima entre 35 e 42°C, no interior do Alentejo, e entre 32 e 37°C, no interior Norte e Centro, pontualmente superiores no vale do Douro. No litoral, nos dias mais quentes, a temperatura máxima poderá situar-se entre os 30 e 35°C, exceto na faixa costeira, onde será inferior a 30°C."

Estão previstos avisos de tempo quente "de nível amarelo, no dia 15, restritos às regiões centro e sul, estendendo-se no interior da região norte no dia 16. A partir do dia 17, é provável que o aviso seja prolongado apenas no interior."

Contudo, ao contrário do que poderia supor-se, a vaga de calor em Portugal nada tem a ver com a onda de calor que tem assolado a Europa e causou um incêndio de grandes dimensões às portas de Atenas, na Grécia. "As duas situações não estão diretamente relacionadas, sendo resultado de variações na posição dos diferentes centros de ação atmosféricos. No caso das temperaturas elevadas registadas na Europa, tal foi devido a uma crista anticiclónica que se estabeleceu na Europa Central e que se vai deslocar para leste nos próximos dias", avança o IPMA. Já a subida de temperatura prevista para Portugal Continental "será devido à intensificação do Anticiclone dos Açores, que se estenderá em crista para o Golfo da Biscaia, promovendo uma circulação de leste e o transporte de uma massa de ar quente e seco de origem continental."

A Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC) está atenta. Durante estes dias, segundo o IPMA, o vento soprará fraco a moderado. No entanto, poderá ser forte na faixa costeira ocidental norte – onde não estará tanto calor – ou no interior, mas "durante o período noturno." O comandante José Costa explica que os níveis de alerta para incêndio vão variando e que "num quadro meteorológico mais adverso são tomadas medidas, como posicionar meios onde se prevê que a situação seja mais severa."

isabel.laranjo@dn.pt

34

Castelo Branco será hoje a cidade mais quente, com 34 graus. Lisboa chegará aos 27 e o Porto aos 25.

39

Alentejo Évora e Beja atingirão os 39 graus na 5.ª feira. Lisboa deve chegar aos 35, Porto registará 29.

40

Évora terá 40 graus na 6.ª feira. Setúbal, Santarém e Beja registarão 39. Lisboa chegará a 36, o Porto a 28.

BREVES

Gripe das aves detetada em Aveiro e Leiria

A gripe das aves foi detetada em gaivotas recolhidas nas praias de Espinho, Aveiro, e entre as praias de Vieira de Leiria e Pedrógão, em Leiria, anunciou ontem a Direção-Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV). "Foram confirmados mais dois novos casos de infeção por vírus da Gripe Aviária de Alta Patogenicidade do subtipo H5N1, em gaivotas recolhidas nas praias de Espinho, em Aveiro, e entre as praias de Vieira de Leiria e a de Pedrógão, na Marinha Grande, Leiria", lê-se numa nota da DGAV. Nas imediações dos locais de recolha das aves não existem estabelecimentos com aves de capoeira registados. No início deste mês já tinham sido reportados outros casos nos distritos de Aveiro e Faro.

Aveiro investe na prevenção de cheias

A Câmara de Aveiro (PSD/CDS/PPM) vai investir mais de 752 mil euros na reabilitação das três comportas e infraestruturas agregadas no Canal de São Roque, da Ria de Aveiro, informa a autarquia. Foram identificados diferentes problemas que obrigam a uma intervenção que reponha as condições de controlo do nível da água dentro dos canais urbanos, contribuindo para a devida eficácia de todo o Sistema de Eclusas e Comportas na proteção da cidade. "É uma obra de manutenção e qualificação muito importante para continuarmos a ter a defesa da cidade em relação às cheias", disse o presidente da Câmara de Aveiro, Ribau Esteves.

Opinião
Renzo R. Guinto

Preparação para um futuro de ondas de calor extremo

As pessoas de toda a Ásia aguardam ansiosamente o fim da época das ondas de calor, que parecem estar agora a chegar ao fim. No meu país natal, as Filipinas, o primeiro tufão do ano chegou no final de maio, baixando as temperaturas que tinham subido para quase 50° Celsius. Nos meses anteriores, o calor recorde levou ao encerramento de escolas, a um aumento das idas aos Serviços de Urgência, à redução da produtividade e ao regresso ao teletrabalho.

Embora os efeitos na Saúde Pública e o impacto económico das ondas de calor extremo possam ser difíceis de medir, a velocidade a que são esquecidas é alarmante. Isto reflete o ciclo de pânico e negligência que muitas vezes se segue às pandemias: as sociedades esquecem as lições das crises sanitárias passadas e são apanhadas desprevenidas quando chega a próxima.

Tal como temos de melhorar a preparação para uma pandemia, temos de mitigar os riscos para a saúde decorrentes de temperaturas potencialmente fatais. À medida que as alterações climáticas aceleram, as ondas de calor deverão tornar-se cada vez mais frequentes e intensas, especialmente na Ásia.

Para sobreviver a este "novo normal", não podemos confiar em diretrizes de Saúde Pública inadequadas, como beber mais água e permanecer em espaços com ar condicionado, como se a grande maioria da população mundial tivesse acesso a ar condicionado ou mesmo a água potável. Também não é aceitável sugerir que as mulheres devem enfrentar o calor extremo não usando roupa interior, como sugeriu recentemente um antigo ministro da Saúde filipino.

Em vez disso, os Governos devem adotar uma abordagem mais proativa e acelerar os esforços para construir resiliência ao calor. Quando chegar a próxima onda de calor histórica, todos os países deverão ter um plano nacional para a enfrentar, juntamente com medidas de adaptação para as comunidades locais. Na verdade, todos os aspetos da elaboração de políticas devem ser vistos através da lente da resiliência. Para além do Setor da Saúde, as principais prioridades devem ser a habitação, os transportes e a água – que são todas metas no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

A habitação deve estar em primeiro lugar. Muitas das pessoas mais vulneráveis da Ásia vivem em habitações públicas mal ventiladas ou em bairros degradados densamente povoados. Globalmente, estima-se que 1,6 mil milhões de pessoas sofram de condições de vida inadequadas. Dado que tais inquéritos não têm normalmente em conta a ventilação, este número pode muito bem estar subestimado.

Existem opções mais viáveis de adaptação do que aconselhar as pessoas pobres a viverem em edifícios com ar condicionado. Além de serem caros, os aparelhos de ar condicionado consomem grandes quantidades de eletricidade, e os investigadores estimam que sejam responsáveis por 3,9% das emissões globais de gases com efeito de estufa.

Em vez de queimar mais combustíveis fósseis para satisfazer esta crescente procura de energia, os decisores políticos devem reimaginar o desenvolvimento urbano para proteger tanto o planeta como a Saúde Pública. Por exemplo, alguns países da Ásia, incluindo a Indonésia e Singapura, começaram a utilizar tinta de baixo custo para "telhados frios" para reduzir as temperaturas interiores sem ar condicionado.

O transporte é outro setor sensível ao calor. Quer viajem em autocarros sobrelotados ou esperem durante longos períodos em plataformas ferroviárias sufocantes, os passageiros dos países de baixo e médio rendimento estão frequentemente expostos a temperaturas extremas. Investir em Sistemas de Transporte sustentáveis que também proporcionem conforto durante as ondas de calor é crucial para alcançar objetivos vitais em matéria de clima e Saúde Pública.

Para construir resiliência ao calor, os Governos devem também enfrentar a crise hídrica mundial. Embora a hidratação seja crucial para a proteção contra o calor extremo, quase um terço da população mundial não tem acesso a água potável. As garrafas de água de plástico descartáveis não são a resposta, tal como o ar condicionado, são caras, usam o carbono intensivamente e são poluentes.

Os programas de preparação para o calor devem centrar-se em grupos altamente vulneráveis, como agricultores e pescadores, trabalhadores da construção civil e das fábricas, idosos e pessoas com comorbilidades. Este esforço deve também ser alargado aos reclusos, aos migrantes detidos e aos doentes psiquiátricos, todos eles frequentemente confinados em espaços extremamente quentes e apertados.

Tal como os protocolos de resposta a tempestades e pandemias, a preparação para o calor deve ser incorporada nas políticas de saúde. Para este efeito, os sistemas de vigilância de doenças dos países asiáticos devem ser atualizados para ter em conta as doenças relacionadas com o calor, antes que a região sofra outra onda de calor histórica. Manter fornecimentos adequados de equipamento médico, desde artigos básicos, como fluidos intravenosos a coletes de arrefecimento, também é crucial.

> **"Os potenciais efeitos do calor extremo devem ser integrados na educação e formação de médicos de emergência, agentes de saúde comunitários e prestadores de cuidados primários."**

Além disso, os potenciais efeitos do calor extremo devem ser integrados na educação e formação de médicos de emergência, agentes de saúde comunitários e prestadores de cuidados primários, que são muitas vezes o primeiro ponto de contacto para os doentes desfavorecidos. Lamentavelmente, o tratamento clínico de doenças relacionadas com o calor, como a insolação, foi apenas mencionado de passagem quando eu era estudante de medicina.

Por último, os investigadores devem concentrar-se não só na epidemiologia do calor, mas também na eficácia das nossas políticas e intervenções. A Universidade Nacional de Singapura, por exemplo, lançou um centro de investigação dedicado à resiliência ao calor em 2023. O meu instituto complementará isto com uma nova iniciativa sobre saúde planetária que ajudará os Sistemas de Saúde e as comunidades em toda a Ásia a construir resiliência climática.

Com as temperaturas globais a aumentarem a um ritmo alarmante, não temos outra escolha senão adaptarmo-nos a um mundo mais quente. Ao mesmo tempo, a aceleração da descarbonização poderá permitir-nos reduzir a frequência e a intensidade das ondas de calor extremas.

Ao pressionar os Governos e as empresas para que deixem de queimar combustíveis fósseis, podemos construir uma verdadeira resiliência ao calor e melhorar a saúde planetária.

Renzo R. Guinto é professor associado de Saúde Global e Planetária na Duke-NUS Medical School, em Singapura.

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então pedimos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

João Almeida Ciclista

"Viagem no tempo? Se pudesse iria ao Egito assistir à construção das pirâmides de Gizé"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Teletransporte! Porque não teria de fazer tantas viagens e poderia ir a qualquer lugar a qualquer hora.

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Prison Break.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Camelo, porque não faz parte da nossa cultura.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Se pudesse, iria para o Egito assistir a construção/criação das Pirâmides de Gizé!

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Stitch.

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Aí está o problema. Qualquer uma, uma vez que os meus dotes de dançarino estão longe de serem os melhores.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Lewis Hamilton, num domingo de um Grande Prémio!

Qual é a música que sempre lhe faz dançar, não importa onde esteja?
La Bomba!

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?

LOUIE THAIN

Velocidade Furiosa, porque é um dos meus filmes favoritos, que cresci a assistir e pelo meu gosto pelo mundo automóvel.

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Umas algemas!

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Leão porque é o Rei da Selva.

Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
Mousse de chocolate.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Feriado do Sonho. Consistiria em que todos poderiam viver um sonho nesse dia.

Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Não tenho nenhum *hobby* incomum ou estranho.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Cristiano Ronaldo.

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Sabes por que o Panado se divorciou da mulher? Porque não serve Panada.

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Com a minha cadela. Perguntaria o que mais poderia fazer por ela.

Qual é o seu talento oculto, que poucas pessoas conhecem?
Sou bom a fazer *puzzles*.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Azul, porque foi a primeira cor que me veio à cabeça e que eu gosto.

Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Não tenho.

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?

Inventaria uma forma para acabar com a fome no mundo.

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Umas sapatilhas que nunca usei.

Se tivesse que comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Frango no churrasco

Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
A maioria das brincadeiras com os amigos e primos.

Se fosse um meme, qual seria?
Já sou um meme!

Qual seria o título da sua autobiografia?
A Vida do Duro das Caldas.

Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
Sonic.

Qual é o seu trocadilho ou piada favorito?
Não tenho.

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Entraria na Area51!

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Que os cães só obedecem a uma pessoa, só têm um dono!

Passageiros têm direito a 126 milhões de euros em indemnizações até julho

AVIAÇÃO Apesar de os aeroportos do país terem batido um recorde nos passageiros movimentados, o número de viajantes com direito a receber compensação por disrupções, como atrasos e cancelamentos, caiu 16% face a 2023.

TEXTO **RUTE SIMÃO**

Até julho, 18 milhões de passageiros embarcaram num voo a partir de um aeroporto português, mas mais de cinco milhões viram os seus voos interrompidos e 316 mil pessoas são elegíveis para receber uma compensação ao abrigo do Regulamento CE 261/2004, que regula os direitos dos passageiros aéreos de voos operados na União Europeia. Com um valor médio de 400 euros por pessoa, as indemnizações – que podem ascender aos 600 euros – a pagar a estes passageiros totalizam 126 milhões de euros até ao sétimo mês do ano (150 milhões de euros em 2023), de acordo com a AirHelp, empresa que atua nos direitos dos passageiros. Numa comparação homóloga, o cenário melhorou com um recuo de 16% no número de passageiros elegíveis para receber compensação.

Desde o início do ano que se somam recordes e nunca num primeiro semestre passaram tantos passageiros por estas infraestruturas. Entre janeiro e junho foi movimentado um máximo histórico de 33 milhões de passageiros nos aeroportos nacionais, a principal porta de entrada de visitantes no país. Os dados, divulgados ontem pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), apontam para um crescimento de 5,2% face à primeira metade de 2023. Com mais passageiros a embarcar e desembarcar no país, e mais voos a aterrar em Portugal – só em junho aterraram 23,3 mil aeronaves em voos comerciais (+2,5%) – a pressão aumenta e as disrupções para quem viaja adensam-se.

A Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (Deco) recebeu, até ao final de julho, meio milhar de reclamações. "Desde 2022 que as reclamações sobre os transportes aéreos ultrapassam as 500. Este ano não está a ser exceção e, no final de julho, o número de queixas e contactos já estava próximo desse valor", explica Ana Sofia Ferreira, coordenadora do gabinete de apoio ao consumidor da associação. Além das companhias aéreas, as queixas são dirigidas também a agências de viagens e às entidades gestoras dos aeroportos. Na lista de disrupções, os atrasos e os cancelamentos de voos são os motivos que mais pesam nas queixas dos passageiros. Mas há outros argumentos que levam os viajantes a procurar a Deco: a apresentação, por parte das companhias aéreas, de vales sem informar corretamente o passageiro sobre direito ao reembolso em dinheiro; a recusa de indemnização pelo cancelamento ou atraso considerável de voo, argumentando circunstâncias extraordinárias, mas sem a devida comprovação das mesmas; a recusa de embarque; e problemas com a bagagem. Também a assistência deficitária por parte das companhias aéreas em caso de cancelamento ou atraso de voo tem sido apontada pelos passageiros.

Os cancelamentos e atrasos dos voos lideram as principais queixas dos passageiros.

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

"As companhias têm de ser proativas e informar os passageiros dos seus direitos, como o direito à assistência, aquando do cancelamento ou atraso, designadamente no que toca à disponibilização de alimentação, transporte entre aeroporto e alojamento; bem como as alternativas de reencaminhamento na primeira oportunidade apresentadas, após cancelamento de voo", aponta a responsável.

Para a associação, que admite que é no período de verão que recebe mais queixas, é necessário que sejam criados planos de contingência para assegurar a devida assistência aos passageiros. A Deco pede ainda "maior fiscalização, pois o direito à informação e à assistência e os direitos essenciais não podem ser desrespeitados."

Greve na easyJet cancela 216 voos em Portugal

Os tripulantes de cabine da easyJet iniciam amanhã uma greve de três dias. Até ao momento, foram já cancelados 216 voos da companhia britânica em Portugal, segundo o Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil (SNPVAC). A companhia aérea garantiu que os passageiros afetados pelos cancelamentos já foram contactados e terão direito a ser transferidos para um novo voo ou ao reembolso da viagem. A *low cost* aconselha ainda os clientes que viajam para e de Portugal, nos dias 15, 16 e 17 de agosto, a verificar o estado dos seus voos no easyJet Flight Tracker.

A Deco alerta que " uma greve do pessoal da transportadora aérea não pode ser qualificada como circunstância extraordinária quando a greve está ligada a reivindicações laborais, segundo o Tribunal de Justiça da União Europeia, pois os acontecimentos cuja origem é interna devem ser distinguidos daqueles cuja origem é externa à transportadora e que, por conseguinte, esta não controla." Por isso mesmo, a associação refere que "as transportadoras aéreas devem, em tais situações, reconhecer e proceder ao pagamento da indemnização devida." Desta forma, os passageiros afetados pela paralisação devem "reclamar, por escrito, exigindo o respetivo reembolso do valor do bilhete e indemnização, que pode variar entre os 250 e os 600 euros, consoante a distância da viagem contratada."

rute.simao@dinheirovivo.pt

ADELINO MEIRELES / GLOBAL IMAGENS

O setor agrícola e das pescas é o que tem remuneração mais baixa.

Salário bruto total no 2.º trimestre foi de 1640 euros, um aumento real de 3,6%

INFLAÇÃO A remuneração bruta total mensal aumentou 6,4% face a 2023, mas foi penalizada pela subida dos preços.

A remuneração bruta total mensal média por trabalhador (por posto de trabalho) aumentou 6,4% para 1640 euros no 2.º trimestre do ano, face ao período homólogo. Em termos reais, e devido ao efeito de aceleração dos preços, a subida foi de 3,6%.

Os dados são do Instituto Nacional de Estatística e mostram que a componente regular e a componente base da remuneração bruta total aumentaram 6,6% e 6,4%, situando-se em 1295 euros e 1214 euros, respetivamente. Em termos reais, tendo em conta a inflação, o aumento foi e 3,8% na componente regular e de 3,6% no salário-base.

Explica o INE que a remuneração bruta regular mensal média por trabalhador exclui, entre outras componentes salariais, os Subsídios de Férias e de Natal, pelo que "tem um comportamento menos sazonal". Os dados ontem divulgados abrangem 4,7 milhões de postos de trabalho, correspondentes a beneficiários da Segurança Social e a subscritores da Caixa Geral de Aposentações, mais 2,4% do que no mesmo período de 2023.

Os maiores aumentos foram observados nas "indústrias extrativas" (13,6%), nas empresas de 500 e mais trabalhadores (7,3%) e nas empresas de "serviços de mercado com forte intensidade de conhecimento" (11,9%).

Em junho, a remuneração total média por trabalhador variou entre 976 euros nas atividades de "agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca" e 3588 euros nas atividades de "eletricidade gás, vapor, água quente e fria e ar frio".

Já a remuneração regular e a remuneração-base registaram também o seu valor mais baixo nas atividades de "agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca" (830 euros e 810 euros, respetivamente) e o mais alto nas atividades de "eletricidade gás, vapor, água quente e fria e ar frio" (2816 euros e 2545 euros).

Por dimensão de empresa, a remuneração total variou entre 1039 euros nas empresas com um a quatro trabalhadores e 2044 euros nas empresas com 500 ou mais trabalhadores.

Numa análise por setor institucional verifica-se que as remunerações total, regular e base das Administrações Públicas (AP) aumentaram, em termos reais e homólogos, 3,8%, 4,1% e 4,0%, respetivamente. No setor privado, o aumento real homólogo foi 3,8% na total, 3,9% na regular e 3,7% na base. Diz o INE que os trabalhadores públicos têm, em média, níveis de escolaridade mais elevados, com quase 56% de funcionários com Ensino Superior, o que ajuda a explicar as diferenças salariais.

Opinião
Ana Jacinto

Atenção aos sinais (vermelhos)

Portugal é reconhecido e justamente apontado como um dos melhores destinos turísticos, não só da Europa, mas de todo o mundo.

Os nossos recursos naturais, o nosso património cultural, a nossa segurança, a nossa gastronomia, a qualidade do nosso serviço e a hospitalidade das nossas gentes têm sido os ingredientes ideais para que tudo resulte numa receita perfeita.

Mas hoje o meu alerta vai para a necessidade de fazermos tudo para não perdermos o que levou décadas a construir com tanto esforço, dedicação e resiliência.

Não podemos correr o risco de pôr em causa a segurança do nosso país, com os índices de criminalidade a subirem. Não podemos pôr em causa a segurança nas nossas praias extraordinárias, com o número de mortes por afogamento a aumentar. Não podemos pôr em causa a qualificação e capacitação de profissionais, o que já se faz sentir na sequência de insuficiências em termos de investimento. Não podemos ter grande parte do nosso património cultural inacessível ao público. E não podemos correr o risco de ter destinos que aumentam a população, em determinadas épocas do ano, na ordem dos milhares, com consequências diretas, por exemplo, ao nível da higiene urbana, e não se tratar de assegurar o investimento necessário para colmatar essas necessidades acrescidas.

Sabemos que a principal causa de insatisfação entre os turistas será sempre a diferença entre aquilo que é "prometido" (expectativa), e o que é "entregue" (realidade). Obviamente que quando queremos manter um preço elevado, temos de ter bem presente que a expectativa natural de que o serviço, as acomodações e as experiências oferecidas sejam de alta qualidade. Se isso, eventualmente, não acontecer, estamos a prejudicar, seriamente, a reputação do nosso destino com repercussões económicas a médio / longo prazos. E não queremos, de todo, que isso possa vir a acontecer no nosso país.

Por outro lado, não podemos permitir que episódios de violência e altercações, registados de forma isolada e pontual, possam transmitir a ideia, cá dentro e lá para fora e de forma viral, de que, em Portugal, não há regras e tudo é permitido. Não se pode aceitar que essas situações se generalizem e se tornem cada vez mais banais, denegrindo a imagem de um destino.

> "Não podemos permitir que episódios de violência e altercações, registados de forma isolada e pontual, possam transmitir a ideia, cá dentro e lá para fora e de forma viral, de que, em Portugal, não há regras e tudo é permitido."

Até mesmo a nossa típica hospitalidade pode ser facilmente comprometida, e esta é uma nossa característica que tem sido uma enorme mais-valia, muito valorizada por quem nos visita, e que pode fazer a diferença, ao transformar uma viagem comum numa memória inesquecível.

Com tudo isto, Portugal, agentes públicos e privados não podem deixar de continuar a desenvolver o trabalho de excelência que têm vindo a fazer. Não se pode abrandar esse esforço contínuo, e teremos todos de estar cada vez mais atentos aos sinais críticos que vão surgindo, aqui e acolá, para que não se corra o risco de vermos os turistas a "virarem a agulha" para outras paragens, com vários destinos emergentes a emergir, passando a redundância.

Queremos que cada turista que visita o nosso território regresse, que tenha uma experiência positiva, inesquecível e única e que divulgue Portugal por todos os cantos do mundo. Mas temos de estar preparados para os desafios, atuais e futuros, e estar muito atentos aos sinais. A falta de atenção e a ignorância seria o nosso maior erro. E parafraseando Sócrates :"Existe apenas um bem, o saber, e apenas um mal, a ignorância."

Secretária-geral da AHRESP

Um dos objetivos do cessar--fogo é a libertação dos reféns israelitas ainda nas mãos do Hamas.

OREN ZIV / AFP

Irão rejeita apelos do Ocidente e só cessar-fogo pode adiar retaliação

MÉDIO ORIENTE Os EUA dizem acreditar que Israel e o Hamas vão retomar as negociações esta semana. Telavive já confirmou a sua presença e o Qatar está a tentar garantir uma representação palestiniana.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O Irão rejeitou ontem os apelos ocidentais para retirar a sua ameaça de retaliação contra Israel pelo assassinato do líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, em Teerão, a 31 de julho, que a república islâmica e os seus aliados atribuíram a Telavive. Esta morte ocorreu horas depois de um ataque israelita em Beirute ter tirado a vida ao comandante Fuad Shukr, do Hezbollah, o grupo islamista apoiado pelo Irão no Líbano.

Num esforço para tentar evitar uma escalada das tensões a nível regional, os Estados Unidos e os seus aliados europeus apelaram na segunda-feira para que o Irão refreasse as suas ameaças, alertando ainda para a possibilidade de, ainda esta semana, Teerão e os seus seguidores levarem a cabo um "conjunto significativo de ataques". Já ontem, o presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, pediu ao primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, e ao presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, "máxima contenção" para evitar uma escalada no Médio Oriente. Um responsável europeu confirmou os contactos telefónicos de Michel com os líderes do Irão, no sábado, e de Israel, ontem.

Em resposta, o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Irão, Nasser Kanani, criticou o apelo Ocidental por contenção, dizendo que "a declaração da França, Alemanha e Grã--Bretanha, que não levantou objeções aos crimes internacionais do regime sionista, pede descaradamente ao Irão que não tome nenhuma ação dissuasiva contra um regime que violou a sua soberania e integridade territorial".

> O presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, pediu a Netanyahu e a Pezeshkian "máxima contenção" para evitar uma escalada no Médio Oriente.

Apenas um cessar-fogo entre Israel e o Hamas em Gaza poderá fazer o Irão adiar uma retaliação direta contra Telavive pela morte de Haniyeh, segundo garantiram ontem à Reuters três oficiais seniores iranianos.

Uma destas fontes, um alto funcionário de segurança, afirmou à mesma agência de notícias que o Irão e os seus apoiantes, como o Hezbollah, pretendem lançar um ataque direto se as negociações falharem ou se perceberem que Israel está a arrastar as conversações. Está prevista uma ronda de negociações para amanhã, mas, de acordo com a Reuters, não é claro quanto tempo o Irão está disposto a esperar antes de lançar uma resposta.

Para o analista iraniano Saeed Laylaz os líderes de Teerão estão interessados em trabalhar para que seja alcançado um cessar--fogo em Gaza, de forma a "obter incentivos, evitar uma guerra total e fortalecer a sua posição na região". Uma opinião que vai ao encontro de duas das fontes da Reuters, segundo as quais o Irão estará a ponderar enviar um representante às negociações, não para assistir às reuniões, mas sim para participar em discussões de bastidores "para manter uma linha de comunicação diplomática" com os Estados Unidos durante o decorrer deste processo.

Já duas fontes próximas do Hezbollah disseram à Reuters que o Irão dará uma oportunidade às negociações de um cessar-fogo, mas que não desistirá das suas intenções de retaliar. Uma destas fontes acrescentou que um cessar--fogo daria cobertura ao Irão para uma resposta mais "simbólica".

Os Estados Unidos disseram ontem que continuam esperançosos de que Israel e o Hamas retomem as negociações de cessar--fogo esta semana.

O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu já confirmou a participação de Israel e, de acordo com o porta-voz do Departamento de Estado, Vedant Patel, os seus "parceiros do Qatar asseguraram que estão a trabalhar para garantir que haja representação do Hamas também". Sublinhou ainda que um cessar-fogo permitiria a libertação de reféns, a entrega de ajuda humanitária e uma nova diplomacia "para tirar a região deste ciclo interminável de violência".

ana.meireles@dn.pt

Ação de Ben Gvir condenada

A União Europeia, os Estados Unidos e a ONU condenaram ontem a entrada de judeus na Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém, incluindo o ministro da Segurança, Itamar Ben Gvir, que desafiou a política oficial do próprio Governo israelita. "Não só é inaceitável, como também desvia a atenção do que parece ser um momento vital, enquanto trabalhamos para concluir um acordo de cessar-fogo" em Gaza, disse o porta-voz do Departamento de Estado norte--americano, Vedant Patel. Esta é terceira vez que Ben Gvir vai à Esplanada das Mesquitas em datas importantes para reclamar o direito dos judeus de rezar no local, provocando a ira dos palestinianos. O primeiro--ministro Benjamin Netanyahu demarcou-se da iniciativa, afirmando tratar-se de "uma manobra de diversão".

Lula, Bolsonaro e outras vias medem forças em São Paulo

BRASIL Nas municipais da maior cidade brasileira, presidente apoia um ex-candidato ao Planalto. E o antecessor está ao lado do atual prefeito. Mas concorrem ainda o rei do "telecrime", um *coach* que substituiu um padre e uma deputada, que nasceu pobre e se formou em Harvard.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA**, SÃO PAULO

Desta vez, Boulos conta com o apoio explícito do PT, de Lula da Silva.

Ricardo Nunes conta com o apoio da maioria dos partidos da direita brasileira, incluindo do PL, de Jair Bolsonaro.

Dos quase 156 milhões de eleitores brasileiros aptos a votar nas municipais de 6 e 27 de outubro, cujos registos de candidatura fecharam por estes dias, só 9,3 milhões, os de São Paulo, terão pela frente um sufrágio que espelha com rigor aproximado a correlação de forças da política nacional. Na maior cidade do Brasil, ao contrário de outras, onde coligações locais enchem o país de pequenas e grandes geringonças, o candidato do presidente de centro-esquerda Lula da Silva está bem definido: Guilherme Boulos. E o do ex-presidente Jair Bolsonaro, de extrema-direita, idem: Ricardo Nunes. Mas há outras vias.

Para entender a eleição municipal de São Paulo de 2024, entretanto, é preciso começar pela de 2020. Na altura, Bruno Covas, do PSDB, a força política de centro-direita fundada por Fernando Henrique Cardoso, bateu, com quase 60% dos votos, Guilherme Boulos, do PSOL, partido comparável ao Bloco de Esquerda português, na segunda volta. Jilmar Tatto, o candidato do PT, de Lula, somou, por sua vez, humilhantes 8,6% e caiu, com estrondo, na primeira. Como a meio do mandato, Covas faleceu vítima de cancro no aparelho digestivo, aos 41 anos, foi o vice-prefeito Ricardo Nunes, do MDB, de Michel Temer, quem concluiu a gestão da megalópole.

Em 2024, Nunes candidata-se, agora a prefeito, contra Boulos que conta, desta vez, com o apoio explícito do PT e de Lula. "O Boulos é o meu candidato, aliás, eu sinto-me tão candidato quanto ele", disse o presidente da República em convenção de formalização da candidatura na semana passada. Ao PT, que pela primeira vez em 40 anos não concorre com nenhum nome próprio a prefeito, coube a consolação de escolher o nome da candidata a vice, a ex-prefeita da cidade Marta Suplicy, uma sexóloga de formação, que se refiliou este ano depois de sair em 2015 por defender o *impeachment* de Dilma Rousseff, e que não escapou, por isso, de ser chamada de "traidora" por uma ala do partido.

Boulos, 42 anos, antes de concorrer à prefeitura paulistana em 2020, foi candidato à presidência da República em 2018 (10.º mais votado) e, antes ainda, tornou-se conhecido como líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, um grupo que advoga o direito à moradia nos centros urbanos, ocupando, se necessário, imóveis considerados devolutos.

Já Nunes, 56 anos, empresário de profissão, vereador desde 2012 e político marcadamente conservador, conta com o apoio da maioria dos partidos da direita brasileira, incluindo do PL, de Jair Bolsonaro, e dos Republicanos, do governador paulista Tarcísio de Freitas, provável candidato presidencial em 2026 no lugar do inelegível ex-presidente brasileiro. "Façam as comparações e verão que o Ricardo Nunes é o nome adequado e justo para São Paulo", afirmou Bolsonaro, na convenção, no passado dia 3, que confirmou o atual prefeito na corrida.

A opção por Nunes, entretanto, causou atrito no PL: Ricardo Salles, ex-ministro do Ambiente

NELSON ALMEIDA / AFP

Além de São Paulo e Rio de Janeiro, mais 5567 municípios vão a votos preencher as quase 60 mil vagas de prefeito, vice e vereador disponíveis. Só nas cidades com mais de 200 mil habitantes – são 99 – há necessidade de segunda volta, segundo a lei eleitoral brasileira.

de Bolsonaro, cujo nome tinha o aval do ex-presidente mas não de Valdemar Costa Neto, líder do partido, desistiu a contragosto. Ao PL coube então, como ao PT na candidatura de Boulos, a incumbência de nomear o vice, no caso, o Coronel Mello Araújo, membro da polícia militar. E como o União Brasil, formação de direita, também optou por apoiar Nunes, o candidato inicial do partido, o deputado federal Kim Kataguiri foi outro que desistiu. "Na verdade, fui 'desistido' e sabotado", reagiu Kataguiri.

Com tantas movimentações e antagonismos, o debate de arranque, quinta-feira, dia 8, na rede Bandeirantes, teve pesados ataques entre os candidatos. No mesmo dia, nas sondagens, o instituto Datafolha deu 23% a Nunes e 22% a Boulos. No terceiro lugar, *ex-aequo*, com 14%, José Luiz Datena e Pablo Marçal. Já na Paraná Pesquisas, Nunes soma 25%, Boulos, 23% e Datena, 16%.

Corrida pelo Bronze?

Datena, 67 anos, é o candidato do PSDB, o partido pelo qual Covas se elegeu nas eleições anteriores e ainda com forte implantação em São Paulo. Apresentador do popularíssimo Brasil Urgente, noticiário de fim de tarde da Rede Bandeirantes dedicado sobretudo aos crimes na cidade e não só, Datena chegou a ser especulado,primeiro como even-tual candidato a vice de Boulos, depois como aliado de Tábata Amaral, do PDT, para, finalmente, decidir concorrer por conta própria. Por enquanto.

"Porque se me encherem muito o saco, eu vou embora", afirmou. No décimo partido da sua vida política, Datena já se apresentou a eleições, municipais ou nacionais, em quatro ocasiões, abandonando sempre à última hora. Na atual, o seu nome causou dissidências no PSDB, com uma ala, que governou com Nunes, a manifestar apoio ao atual prefeito.

A citada Tábata Amaral, deputada federal, nasceu pobre, filha de um cobrador de autocarro e de uma mulher a dias, mas conseguiu formar-se em Ciência Política em Harvard. Ela concorre pelo PSB, o partido do vice-presidente Geraldo Alckmin, que está, por isso, num barco diferente do de Lula na eleição paulistana, apoiando a, até agora, quinta classificada nas sondagens, com 5% numa e 7%, noutra.

O quarto classificado, o já citado Pablo Marçal, é chamado pelos detratores nas redes sociais de "*coach* picareta [aldrabão]". Marçal, 37 anos, foi notícia em 2022 por levar um grupo de *coachees* a escalar uma montanha "para vencer o medo", que só não acabou em tragédia graças ao resgate dos bombeiros. O candidato do PRTB substituiu, à última hora, o Padre Kelmon, vinculado à Igreja Ortodoxa Grega da América e Exterior, que ganhou preponderância entre conservadores graças ao discurso beligerante contra a esquerda política e concorreu à presidência em 2022 pelo PTB, obtendo 0,07% dos votos.

Nas sondagens, a economista de 42 anos, Marina Helena, do Novo, partido equivalente ao português Iniciativa Liberal, começou por ter resultados surpreendentemente positivos para espanto de Luciana Chong, diretora do instituto Datafolha. Segundo Chong, a explicação pode ter sido uma confusão do eleitorado com Marina Silva, a ministra do Meio Ambiente quatro vezes candidata presidencial. "Justamente para evitar isso, decidimos manter o 'Helena'", afirmou a candidata, agora abaixo dos 4%., ao jornal *Folha de S. Paulo*.

No Rio, o atual prefeito, Eduardo Paes, tem a reeleição quase garantida.

Alexandra Ramagem, principal rival de Paes no Rio, é apoiado pelo PL de Bolsonaro.

Vídeo íntimo no Rio

No Rio de Janeiro, o atual prefeito Eduardo Paes tem, segundo as sondagens, a reeleição praticamente garantida, ultrapassando, na maioria delas, os 50% na primeira volta. Do PSD, partido que se declara de esquerda, de direita e de centro, Paes, que já foi prefeito de 2009 a 2016 e voltou ao cargo em 2020, tem o apoio de dez partidos de centro e esquerda, entre os quais o PT, de Lula.

O principal opositor, mas só com 11 a 14 pontos nas últimas sondagens, é o deputado federal Alexandre Ramagem, do PL, de Bolsonaro, controverso diretor da Agência Brasileira de Inteligência (o equivalente ao SIS) na presidência anterior.

Com a eleição praticamente decidida, foi a escolha do vice de Paes que ocupou as manchetes: Eduardo Cavaliere, também do PSD, acabou escolhido em detrimento de Pedro Paulo, seu amigo e aliado de 30 anos. Em causa, a ameaça de divulgação de um vídeo íntimo, de 2020, em que o político se masturba durante uma conversa com uma mulher. "É algo que não tem nada a ver com o debate da cidade, mas ele, meu amigo de 30 anos, preferiu preservar a família da possível exploração de episódios pessoais."

Além de São Paulo e Rio de Janeiro, mais 5567 municípios vão a votos preencher as quase 60 mil vagas de prefeito, vice e vereador disponíveis. Só nas cidades com mais de 200 mil habitantes – são 99 – há necessidade de segunda volta, segundo a lei eleitoral brasileira.

ROMAN PILIPEY / AFP

A incursão-surpresa ucraniana na região russa de Kursk começou na passada terça-feira, dia 6.

Kiev garante não querer ocupar território russo

GUERRA Zelensky fala em 74 localidades da região de Kursk já controladas pela Ucrânia. No dia anterior, Rússia apontava para 28.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Kiev garantiu ontem não pretender "tomar" o território que já capturou na sua incursão transfronteiriça na região de Kursk, na Rússia, dizendo que estas operações são "absolutamente legítimas". "Ao contrário da Rússia, a Ucrânia não precisa da propriedade de outros. A Ucrânia não está interessada em tomar o território da região de Kursk, mas queremos proteger as vidas do nosso povo", afirmou o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros ucraniano, Georgiy Tykhy.

As forças ucranianas entraram na região de Kursk há uma semana, tomando dezenas de localidades no maior ataque de um Exército estrangeiro em solo russo desde a Segunda Guerra Mundial. Este representante da diplomacia ucraniana afirmou ainda que interromperão os ataques se Moscovo concordar com uma "paz justa". "Quanto mais cedo a Rússia concordar em restaurar uma paz justa, mais cedo os ataques das forças de defesa ucranianas na Rússia cessarão", sublinhou Tykhy.

As autoridades ucranianas revelaram também estar a impor restrições de circulação na região de Sumy ao longo da fronteira devido a um "aumento na intensidade das hostilidades" e atividades de "sabotagem".

Já o Ministério da Defesa da Rússia anunciou ter "frustrado" novos ataques ucranianos em Kursk por "grupos móveis inimigos em veículos blindados para invadir profundamente o território russo".

Dmytro Lykhoviy, porta-voz do Exército ucraniano, revelou ao Politico que, na sequência da incursão-surpresa em solo russo, Moscovo "deslocou algumas das suas unidades das regiões de Zaporíjia e Kherson, no sul da Ucrânia" para esta nova frente de batalha, mas que se trata de um número "relativamente pequeno" de unidades.

> Porta-voz da diplomacia ucraniana disse ontem que quanto mais cedo Moscovo concordar com uma paz justa, mais cedo os ataques terminarão.

Próximos passos

Cerca de 121 mil pessoas já fugiram da área e o chefe militar ucraniano Oleksandr Syrsky disse na segunda-feira que as suas tropas controlavam cerca de mil quilómetros quadrados de território russo. Dados do Instituto para o Estudo da Guerra apontam para, pelo menos, 800km².

Volodymyr Zelensky garantiu entretanto, ontem à tarde, que a Ucrânia já controla 74 localidades na região de Kursk. No dia anterior, o governador desta zona russa havia dito, numa reunião com Vladimir Putin, que as forças de Kiev controlavam 28 localidades.

"Apesar da luta difícil e intensa, o avanço das nossas forças na região de Kursk continua", declarou o presidente ucraniano, adiantando que Kiev conseguiu "reabastecer" os seus números de prisioneiros de guerra russos para trocar pelas suas próprias tropas e garantindo que "a preparação para os [seus] próximos passos continua".

ana.meireles@dn.pt

Attal quer "pacto de ação" no Parlamento

O primeiro-ministro interino francês, Gabriel Attal, propôs à maioria dos grupos políticos da Assembleia Nacional "um pacto de ação para os franceses", com vista a estabelecer "compromissos legislativos" no interesse comum, foi ontem divulgado.

A proposta de Gabriel Attal, que se demitiu após a derrota do seu partido (Renascimento, macronista) nas Eleições Legislativas antecipadas de julho – que não deram a maioria absoluta a nenhuma força política –, consta numa carta enviada aos líderes dos outros grupos com assento no Parlamento francês, à exceção do partido de extrema-direita Reunião Nacional e da França Insubmissa (esquerda radical), segundo a Franceinfo.

Na missiva, Attal apelou às forças que apelida de "esquerda republicana e direita republicana" para que "estejam à altura da ocasião", apresentando uma série de prioridades, entre as quais a consolidação das Finanças Públicas, o reforço da segurança, a defesa dos Serviços Públicos e o laicismo. Mas admitiu que será difícil "chegar a acordo sobre tudo", apelando a que as habituais divergências sejam "ultrapassadas".

Esta proposta surge no meio das negociações sobre a constituição do futuro Governo, uma vez que os partidos aliados do presidente perderam a maioria. Em julho, Emmanuel Macron adiou o debate sobre esta questão para depois dos Jogos Olímpicos de Paris e, segundo um membro do Executivo, citado pelo jornal *Le Fígaro*, "não há qualquer hipótese de ser nomeado um novo primeiro-ministro esta semana". **DN/LUSA**

BREVES

Hasina acusada por uma morte nos protestos

A ex-primeira-ministra do Bangladesh Sheikh Hasina e seis assessores foram acusados ontem, num tribunal de Daca, por pelo menos uma das centenas de mortes nos protestos que culminaram com a sua renúncia e fuga do país.
De acordo com os meios de comunicação social locais, as acusações contra a antiga primeira-ministra e seis dos seus assessores – membros do partido da Liga Awami de Hasina e do seu último Executivo – estão relacionadas com a morte do dono de uma mercearia num tiroteio com a polícia, a 19 de julho, no Bairro de Mohammadpur, em Daca. Desde que deixou o país, Hasina permanece em Nova Deli, capital da Índia, onde aguarda pelo definição do seu futuro.

ONU alerta para detenções arbitrárias

O alto-comissário da ONU para os Direitos Humanos manifestou-se ontem preocupado com as detenções arbitrárias na Venezuela em protestos contra os resultados das Eleições Presidenciais e com "o clima de medo" vivido no país. "É particularmente preocupante que tantas pessoas estejam a ser detidas, acusadas de incitamento ao ódio ou ao abrigo da legislação antiterrorista", afirmou Volker Turk num comunicado. Este aviso surge um dia depois de o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, ter exigido que os serviços do Estado atuem com "mão de ferro", na sequência dos distúrbios que eclodiram após o anúncio da sua reeleição.

Jogador volta a sair do Dragão, após ter regressado na época passada.

MIGUEL PEREIRA / GLOBAL IMAGENS

Francisco Conceição na Juventus com opção de compra obrigatória de 30 milhões de euros

FC PORTO Extremo de 21 anos de saída do Dragão, um ano após ter regressado. Mal-estar com promoção do ex-adjunto de Sérgio Conceição a técnico principal não foi ultrapassado e a cedência à *vecchia signora* é a solução.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

É uma saída esperada: Francisco Conceição vai ser jogador da Juventus. À hora de fecho desta edição o FC Porto e o emblema italiano ainda ultimavam os pormenores do negócio que levará o extremo de 21 anos a jogar em Itália em 2024-25. O jogador vai ser cedido e com opção de compra obrigatória no valor de aproximadamente 30 milhões de euros, a ser acionada até 25 de junho de 2025, segundo soube o DN.

O FC Porto e o jogador estavam de acordo sobre o cenário de saída ser o melhor para ambos, depois da polémica promoção de Vítor Bruno a treinador principal dos portistas, sob acusações de traição proferidas pelo anterior chefe de equipa técnica, Sérgio Conceição, pai de Francisco. O jovem internacional ainda se apresentou no Dragão, após o Euro2024, mas percebeu que sair era o melhor caminho.

Depois de regressar ao FC Porto, Francisco Conceição assinou contrato até 2029 e ficou com o direito a receber 20% de uma transferência, sendo, por isso, parte duplamente interessada numa saída milionária. Ontem voltou a não treinar, continuando a fazer "tratamento", segundo o clube, que também anunciou a ausência de Marcano (trabalho de ginásio e tratamento) e Zaidu (treino condicionado).

Para lá da transferência de Francisco Conceição, que só garante a entrada de dinheiro no próximo ano, a SAD precisa de fazer uma grande venda que garanta verbas no imediato e Evanilson é o maior candidato. O Bournemouth, da *Premier League*, apresentou uma proposta de 30 milhões de euros, que foi negada pelo FC Porto, que pretende 40 milhões ou prefere manter o avançado brasileiro de 24 anos, que tem contrato até junho de 2027 e uma cláusula de rescisão de 100 milhões.

O FC Porto era o único dos chamados três grandes do futebol português sem entradas e saídas neste defeso – para lá de Taremi que acabou contrato e assinou pelo Inter, e de Pepe que acabou a carreira aos 41 anos – podendo agora fazer importantes encaixes com a venda de ativos. No caso de Wendel Silva (FC Porto B) a verba não será significativa: o avançado vai jogar no Santos (Brasil) por empréstimo e com uma opção de compra de três milhões de euros por 80% do passe.

Entretanto, a continuidade de Grujic foi ontem colocada em causa por alguma imprensa nacional e italiana. Depois de ter começado a época 2024-25 como titular, diante do Sporting, na conquista da Supertaça, o médio já não saiu do banco na receção ao Gil Vicente (1.ª jornada da Liga). A saída é uma possibilidade, até porque ele quer mais minutos do que teve nas épocas anteriores e o clube precisa emagrecer a folha salarial. Grujic é um dos mais bem pagos do plantel e foi colocado no mercado por dez milhões, verba necessária para comprar o passe do internacional português Danilo, que estará na lista dos vendáveis do Paris SG exatamente por esse valor e poderia dessa forma voltar à Invicta.

Seja como for o mercado começou a mexer para os lados do Dragão. Em Portugal, o defeso tem estado mais parado do que o habitual, mas promete animar nas últimas semanas. Apesar da data-padrão para o fecho do mercado ser o dia 31 de agosto, a Liga Portugal decidiu ampliar o período até segunda-feira, dia 2 de setembro.

isaura.almeida@dn.pt

MAIS MERCADO

SPORTING SEGURA JOVEM AVANÇADO ATÉ 2029
O avançado Rafael Nel, de 19 anos, prolongou contrato com o Sporting até 30 de junho de 2029. O internacional Sub-20, que se estreou na equipa principal na vitória no terreno dos suíços do Young Boys (1-3), na primeira mão do *play-off* de acesso aos oitavos-de-final da Liga Europa da época passada, chegou ao clube lisboeta em 2020, proveniente do Belenenses.

DAVID NERES DESESPERA POR IR PARA O NÁPOLES
David Neres espera e desespera para ser jogador do Nápoles. O Benfica só abre mão do avançado brasileiro de 27 anos por cerca de 30 milhões. O jogador não foi convocado por Roger Schmidt para a primeira jornada da I Liga (derrota em Famalicão, 2-0) e o próprio técnico admitiu que Neres queria sair do clube da Luz.

BERNARDO VIDAL DO ESTORIL PARA O SARAGOÇA
A SAD do Estoril e o Saragoça, da segunda divisão espanhola, já chegaram a acordo para a transferência de Bernardo Vital. O defesa-central, de 23 anos, tinha mais um ano de contrato com o emblema *canarinho* e assinou com os espanhóis por duas temporadas.

FRANSÉRGIO VOLTA AO MARÍTIMO
O médio brasileiro Fransérgio está de regresso ao Marítimo, sete anos depois de ter saído para o Sp. Braga. O clube insular, que volta a disputar a II Liga, anunciou o regresso sem revelar a duração do contrato assinado com o jogador de 33 anos.

HELTON LEITE NO DEPORTIVO DA CORUNHA
O guardião Helton Leite, que já passou pelo Benfica, assinou pelo Deportivo da Corunha (II Liga espanhola) aos 33 anos. Representou na última época e meia o Antalyaspor, da Turquia, para onde se tinha mudado depois de sair da Luz.

DINHEIRO EM CAMPO

Arne Slot de mãos nos bolsos. Uma imagem que já começa a ser de marca para o técnico dos *reds*.

PETER POWELL / AFP

Por que o Liverpool não gastou um *penny* ainda no mercado?

INGLATERRA Tradicionalmente conservador, o clube de Anfield levou a cabo uma revolução no banco, ao contratar Slot para o lugar do longevo Klopp, e, talvez por issso, não queira mexer no campo.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA**

Durante o jogo, entre Liverpool e Sevilha, de apresentação dos *reds* aos adeptos só numa única ocasião Arne Slot, o novo treinador do clube inglês, tirou as mãos dos bolsos e gesticulou qualquer coisa para o campo, contou Andy Hunter, nas páginas do jornal *The Guardian*, de segunda-feira, 12.

O repórter pretendia enfatizar a diferença de comportamento do treinador holandês em relação ao antecessor, o feroz, enérgico, sanguíneo e germânico Jürgen Klopp, que não deixava os tímpanos dos atletas – e do quarto árbitro – sossegados durante os 90 minutos e vibrava como se estivesse no *Kop*.

Mas, sem querer, fez uma metáfora sobre o comportamento do clube no mercado de transferências: a Era Slot está, a dois dias do início da *Premier League*, tão calma como o técnico no banco; e a usar os bolsos apenas para se proteger do frio do norte de Inglaterra.

Se os observadores esperavam uma revolução em Anfield, depois de nove anos de Klopp, o que afinal estão a ver são tempos de paz, calmaria, monotonia, sonolência: no total, a *Premier League* já gastou em transferências 1,2 mil milhões de euros mas nem um cêntimo – ou um *penny*, se falarmos em libras – saiu dos cofres dos *reds*.

Mas e por que é que o Liverpool, um dos candidatos tradicionais a ganhar tudo, não se mexe, mesmo com rivais, como o Aston Villa, o Chelsea, o Manchester United e o Brighton a gastarem já 176, 113, 105 e 92 milhões de euros, respetivamente?

Há quatro ou cinco razões, segundo o *site* Transfermarkt e os colunistas da imprensa inglesa. Em primeiro lugar, Slot não pretende agitar as águas além do necessário, depois de a troca de treinador, após uma era tão vitoriosa e marcante de Klopp, já as ter naturalmente agitado.

Por outro lado, ele está verdadeiramente encantado com o plantel que tem, anos luz à frente do do Feyenoord que treinava antes no país natal.

Em terceiro lugar, apesar de ser um clube *high profile* no futebol mundial, o Liverpool sempre manteve (relativo) *low profile* na contratação de atletas, comprando só depois de vender e gastando até menos, nos últimos anos, do que Tottenham ou West Ham, por exemplo. Mo Salah, a maior estrela do clube da Era Klopp, custou uns "meros" 42 milhões pagos à Roma em 2017. O jogador mais caro da história do clube é um defesa, Virgil Van Dijk, chegado do Southampton por 84,7 milhões, praticamente um terço do que Neymar custou ao Paris Saint-Germain.

E, finalmente, 2023/24 até foi um ano de raro investimento pesado para Tom Werner, o magnata americano que detém o clube: a diferença entre receitas e despesas no mercado do verão passado foi de -111,3 milhões de euros por culpa das chegadas de Szoboszlai, Mac Allister, Gravenberch e Endo.

No entanto, os especialistas veem margem para contratações no plantel: o ex-benfiquista Darwin Núñez não tem concorrência direta na posição 9; o lateral-direito Frimpong, do Bayer Leverkusen, é visto com bons olhos em Anfield; o extremo Gordon, do Newcastle, já foi até oferecido; Yilmaz, do Galatasaray, está no radar; e Zubimendi, da Real Sociedad, é especulado.

"Sim, ficaria surpreendido se até ao fim da janela não contratássemos ninguém, mas temos uma boa equipa, os jogadores estão a voltar de férias, uma contratação teria de ser muito bem pensada", disse Slot, sobre o tema.

Provavelmente, sem tirar a mão dos bolsos.

1,2

Total Quantia, em milhares de milhões de euros, gasta pelos clubes da *Premier League* no mercado de verão.

0

Gastos Número de libras investidas pelo Liverpool nesse período.

-111,3

Balanço em milhões de euros, do mercado, algo perdulário para os hábitos do clube, no ano passado.

MIGUEL PEREIRA / GLOBAL IMAGENS

Supertaça 2024-25 foi o último troféu da era Fernando Gomes.

Eleições na FPF lançadas. Pedro Proença e Nuno Lobo perfilam-se para presidência

FUTEBOL Sucessor de Fernando Gomes será conhecido em dezembro ou janeiro. Nomeação de delegados arrancou.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

O processo eleitoral da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) arrancou na segunda-feira com a constituição da Comissão Eleitoral, que será presidida por José Luís Arnaut, presidente da Mesa da Assembleia-Geral (MAG). Nuno Lobo, atual presidente da Associação de Futebol de Lisboa, e Pedro Proença, presidente da Liga Portugal, são os dois putativos candidatos à sucessão de Fernando Gomes, no cargo desde 2011 e a cumprir o terceiro e último mandato.

O processo eleitoral da FPF será composto por duas fases. A primeira está em curso, a nomeação dos 84 delegados que irão compor a Assembleia-Geral (AG) que elegerá o novo presidente do órgão máximo do futebol nacional. São 29 delegados por inerência das funções que exercem e que correspondem aos presidentes dos sócios ordinários da FPF e mais 55 delegados que deverão ser eleitos nas associações distritais e regionais, Liga de Clubes, Sindicato de Jogadores (SJF) e associações de Treinadores (ANTF) e Árbitros (APAF).

Destes 55 delegados, 20 são em representação dos clubes que participam em competições profissionais, oito dos clubes nacionais não-profissionais, sete dos clubes distritais e regionais, cinco dos jogadores profissionais, cinco dos jogadores amadores, cinco dos treinadores e cinco dos árbitros.

Validado o cumprimento dos critérios de capacidade, elegibilidade e idoneidade aplicáveis aos delegados indicados, em cumprimento dos estatutos da FPF até ao dia 30 de setembro, a Comissão Eleitoral marcará o dia para a tomada de posse dos delegados eleitos e também a data das eleições para os órgãos sociais.

O que pode ocorrer apenas em dezembro ou janeiro. Isto porque segundo o artigo 34.º sobre a Duração de mandatos e limites de renovação, "o mandato dos titulares dos órgãos sociais é de quatro anos, em regra, coincidente com o ciclo olímpico, realizando-se até ao final do sexto mês seguinte ao encerramento dos Jogos Olímpicos de Verão".

O atual presidente da FPF, Fernando Gomes, assegurou à sua direção que não vai ter qualquer participação no futuro ato eleitoral do organismo. O líder federativo deu total liberdade aos restantes membros da direção para se candidatarem ou apoiarem outros candidatos nas eleições. Apesar disso José Couceiro terá optado por não ir a votos. Também Luís Figo se afastou depois de perceber que não iria ter o voto das associações, o que inviabilizaria a eleição.

Audiências. Paris2024 supera Rio e Tóquio

Os Jogos Olímpicos de Paris, onde Portugal obteve o melhor resultado de sempre, "foram os mais vistos desde 2016", de acordo com a análise da Universal McCann (UM), agência de meios do grupo IPG Mediabrands. "A Medalha de Ouro de Rui Oliveira e Iuri Leitão em ciclismo de pista na prova de Madison, as Medalhas de Prata de Pedro Pichardo no triplo salto e Iuri Leitão no omnium e a Medalha de Bronze de Patrícia Sampaio no judo, fizeram Portugal ter a melhor prestação de sempre em termos qualitativos", refere a UM, que analisou as audiências.

"Durante o período dos Jogos Olímpicos (entre 26 de julho e 11 de agosto) a RTP2, que transmitiu a maioria das provas, alcançou um *share* de 4,8%", sendo que "este resultado foi superior ao verificado durante os períodos dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, (4,4%) e de Tóquio (2,1%)", adianta a Universal McCann.

A Cerimónia de Encerramento, "tal como se verificou na Cerimónia de Abertura, foi a mais vista das últimas três edições". Esta foi transmitida em direto e em exclusivo pela RTP1, durante o *prime-time*, a partir do Estádio de França em Saint Denis.

"A cerimónia que marcou o fim das Olimpíadas contou com uma audiência total de 2 milhões e 106 mil telespetadores, o que representou uma audiência média de 478 mil telespetadores e um *share* 11,0%", aponta a UM. Face a cerimónias anteriores "vemos que esta foi a que verificou maior audiência", sendo que o horário de transmissão da cerimónia "ajudou a impulsionar as audiências e a fazer com que esta tivesse sido a mais vista das últimas três", conclui.

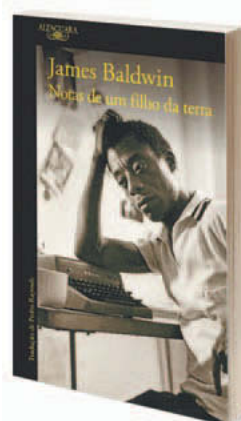
James Baldwin: notícias do fundo do coração.

James Baldwin e o problema americano

LIVRO No centenário de um dos mais lúcidos escritores da América do século XX, a sua obra continua a ser-nos revelada. *Notas de Um Filho da Terra* é a nova edição a chegar às livrarias portuguesas e, porventura, o mais biográfico dos seus vigorosos escritos.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Foi no início deste mês, dia 2, que passaram 100 anos sobre o nascimento de James Baldwin (1924-1987), escritor excecional redescoberto nos últimos anos, que desde a infância no Harlem soube o que queria fazer da vida. "Naqueles tempos, a minha mãe mantinha o hábito exasperante e misterioso de ter filhos. À medida que iam nascendo, eu cuidava deles com uma mão e lia um livro com a outra", conta nos apontamentos autobiográficos a abrir *Notas de Um Filho da Terra*. Com efeito, o livro agora lançado pela Alfaguara (tradução de Pedro Rapoula), não poderia ser mais oportuno para o contexto das celebrações: um conjunto de ensaios dos Anos 1940/50 que tanto discorrem sobre os equívocos da literatura americana na representação dos negros, como narram partes de uma autobiografia que se confunde com a própria resistência do romancista e ensaísta comprometido com a liberdade de pensar a sua herança.

Depois dos romances *Se Esta Rua Falasse*, *Se o Disseres na Montanha*, *O Quarto de Giovanni*, e do volume de ensaios *Da Próxima Vez, o Fogo* – estando já anunciada para outubro a publicação do romance *Um Outro País* –, a editora prossegue, assim, com o projeto de trazer aos leitores portugueses um legado vagamente conhecido e apreciado, mas nunca antes devidamente descoberto na sua plenitude e substância literária. Uma operação editorial que surgiu, vale a pena recordar, na sequência da estreia de um brilhante documentário de Raoul Peck, *I Am Not Your Negro* (2016), assente nas palavras de um manuscrito inacabado de Baldwin, lidas por Samuel L. Jackson.

NOTAS DE UM FILHO DA TERRA
James Baldwin
Alfaguara
208 páginas

Notas de Um Filho da Terra concentra então uma voz que salta da página para nos envolver no pensamento em torno da experiência negra na América ("Esta é uma guerra travada diariamente no coração"), e fora dela. Irmão mais velho numa casa com nove filhos, escritor precoce, ativista dos direitos civis e homossexual que procurou distância na Europa para ver melhor a realidade do seu país de origem, Baldwin deixou a sua marca numa prosa inconformada e perseverante na dissecação de uma dor individual e coletiva.

Da questão do romance de protesto, enquanto género literário carregado de boas intenções, ao relato da estada numa remota aldeia suíça onde Baldwin se sentiu um corpo estranho (na interpretação mais literal do termo), os ensaios que compõem *Notas de Um Filho da Terra* estão entre o rigor da análise artística e social e as histórias que confirmam o drama na primeira pessoa.

O negro no cinema, figura paterna e Paris

É curioso, por exemplo, descobrir a visão do autor sobre o filme *Carmen Jones* (1954), de Otto Preminger. Num texto nada elogioso, bem pelo contrário, mas nunca fútil ou ligeiro na sua crítica, somos conduzidos por argumentos que fazem perfeito sentido, independentemente de se gostar ou não da obra: "O mais importante deste filme – e a razão pela qual, apesar de si próprio, é um dos mais importantes filmes exclusivamente negros que Hollywood já produziu – é que as questões que sugere se relacionam menos com os negros do que com a vida interior dos americanos", escreve Baldwin depois de o reconhecer como "uma das primeiras e mais explícitas fusões de sexo e cor", com um erotismo mais potente que "um filme de Lana Turner".

Já no texto que dá título ao livro, a figura do pai emerge, por sua vez, como motivo para falar do ressentimento e do caminho que o levou a experimentar a "raiva no sangue", depois de ouvir repetidamente, de diferentes empregados de mesa, o mesmo "aqui não servimos negros". Episódio distante, apenas do ponto de vista geográfico, daquele outro em que um jovem James Baldwin, nos seus primeiros tempos em Paris (onde viveu durante nove anos), foi preso por causa de um lençol de hotel roubado por outro americano... Digamos que uma aventura impossível de transformar num musical de Vincente Minnelli chamado *Um Americano em Paris*.

Este, como cada "novo" livro do escritor insubmisso, particularmente os seus ensaios, traz uma espécie de iluminação intelectual a jusante, uma influência que se prolonga depois da leitura. É, afinal, um gigante das letras aquele que nos fala a partir do lugar da negritude, e que vai muito além dessa base na reflexão sobre a América e os seus paradoxos, a violência racial e os modos de a disfarçar, enfim, no olhar sobre a lógica que perpetua o "problema negro" num país que nunca aprendeu a viver consigo próprio – basta ter presente os fenómenos da atual corrida à Casa Branca para perceber o fascínio e espírito crítico com que Baldwin versa sobre o jogo da identidade numa terra de ódios mais ou menos fogosos. Na letra do autor, porém, há sempre uma réstia de amor que leva a melhor na observação lúcida da angústia da pele.

***Don Giovanni* e *Tormento* vão ser apresentadas no Operafest.**

A ópera ao alcance de todos

MÚSICA De clássicos da ópera oitocentista à evocação dos 500 anos de Camões, há espetáculos para todos os gostos e públicos no Operafest, em Oeiras e Lisboa, e no Festival de Óbidos. Acontecem nas próximas semanas.

TEXTO **MARIA JOÃO MARTINS**

Heróis e heroínas fulminados pelo destino, paixões maiores do que a vida e crimes inspirados pela cegueira do ciúme – de todos estes ingredientes, bem populares, se fazem as óperas clássicas, que, no século XIX, atraíam vários tipos de público a teatros como o lisboeta São Carlos ou o Alla Scala, em Milão. Mas se o século XX associou à ópera um elitismo que sempre lhe fora estranho, a proposta dos novos festivais do género é devolvê-lo às suas verdadeiras raízes, que é como quem diz ao povo.

Este é um dos objetivos do Operafest, que, na sua quinta edição, terá como mote "Instinto Fatal". O espetáculo de abertura acontecerá nos jardins do Palácio Marquês de Pombal, em Oeiras, onde a 22, 24 e 26 de agosto serão apresentadas, no mesmo espetáculo, *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni, e *Paglacci*, de Leoncavallo, óperas de um só ato. Segundo a organização, trata-se de "dois paradigmas do movimento verista italiano, que enaltece a verdade do sentimento e do canto que pode ser cru e agressivo, mas direto, com emoções verdadeiras e em que a tragédia: o crime de honra, o crime conjugal, os conflitos humanos passam para a esfera popular, sem mediação ou bonitas palavras." A direção cénica é de Mónica Garnel, a direção musical do maestro Osvaldo Ferreira, e o elenco é liderado pelo tenor espanhol Andeka Gorrotxategi, que se estreia em Portugal. Acompanham-nos a Orquestra Filarmónica Portuguesa e o Coro do Operafest.

Em estreia nacional, apresentar-se-á o contópera *O Polegarzinho*, de Isabelle Aboulker, destinado a um público infantojuvenil. Com encenação de Sandra Faleiro, o espetáculo realizar-se-á nos jardins do Palácio do Marquês de Pombal, a 28, 29, 30 e 31 de agosto, às 21.00 horas. A 30, 31 de agosto, 2 e 4 de setembro, no anfiteatro ao ar livre da Fundação Gulbenkian, a ópera será *Don Giovanni*, de Mozart. A direção musical é de Pedro Carneiro, a direção cénica de João Pedro Mamede, com as interpretações de Christian Luján, Luís Rodrigues, Nuno Dias, Patrícia Modesto, Rafaela Albuquerque, Cecília Rodrigues, Alberto Sousa e Tiago Amado Gomes.

Esta edição do Operafest inclui ainda a apresentação de um inédito dedicado a Camões. A 5 e 6 setembro, no Palácio Sinel de Cordes, será exibida a cantata performance *Tormento*, a partir do Canto V do poema épico *Os Lusíadas*, com a música do compositor Nuno da Rocha, para coro feminino, outros instrumentos e eletrónica. Depois do sucesso da sua performance *Forças Ocultas* no Operafest anterior, o artista multidisciplinar Gustavo Sumpta aborda agora a vida e a obra de Camões.

> Em estreia nacional, apresentar-se-á o contópera *O Polegarzinho*, de Isabelle Aboulker, destinado a um público infantojuvenil. Com encenação de Sandra Faleiro, o espetáculo realizar-se-á nos jardins do Palácio do Marquês de Pombal.

Aulas para cantores amadores

Haverá ainda lugar para aulas de canto para amadores curiosos, com sessões individuais de 30 minutos, a 7 e 8 de setembro, entre as 11.00 e as 18 .00 horas, na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul. A 2 de setembro, na sala de âmbito cultural do El Corte Inglés, João Pedro Cachopo fará uma conferência sobre o mito de *Don*

Giovanni. Nesta pequena viagem em forma de palestra, após uma breve apresentação do mito e da ópera, serão feitas duas "paragens". A primeira para dialogar com algumas leituras filosóficas da obra, de Kierkegaard à contemporaneidade. Pode a música – ou, especificamente, a música encantadora e fulgurante de Mozart – expressar um desejo sem limites? Uma segunda "paragem" pretende confrontar o público com duas versões filmadas da ópera: de Joseph Losey em 1979 e de Kasper Holten em 2010. O que têm em comum e de distinto estes dois filmes? Como se apropriam do original? E de que modo cotejá-los enriquece o nosso reencontro com esta ópera hoje? A 5 de setembro, no mesmo lugar, às 18.30, Paulo Ferreira de Castro explicará o que é o Verismo na ópera, movimento que se terá iniciado com *Carmen* de Bizet e tão prolífera em repertório extraordinário, como a *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni e *Paglacci* de Leoncavallo.

Também a Cinemateca portuguesa dará a ver dois filmes marcados pela linguagem operática: *O Rapaz do Cabelo Verde*, de Joseph Losey, e *Non ou a Vã Glória de Mandar*, de Manoel de Oliveira (marcados para a tarde de 7 de setembro).

A Atração Fatal de uma rave operática

A encerrar este festival realiza-se a chamada rave operática, subordinada ao tema "Atração fatal", em que a ópera se misturará com a música eletrónica, *pop*, afro e *dance music*, com atuações dos Enapá 2000, Bateu Matou, a Dj Nídia e algumas surpresas operáticas.

> De 6 a 15 de setembro, será a vez de Óbidos se tornar palco *de óperas como A Filha do Regimento, O Último Canto – Camões e o Destino* e *Maria de Buenos Aires*.

De 6 a 15 de setembro, será a vez de Óbidos se tornar palco de óperas como *A Filha do Regimento*, *O Último Canto – Camões e o Destino* e *Maria de Buenos Aires*. A adaptação da ópera *A Filha do Regimento* estreará no festival, com sessões nos dias de 13 e 15, a partir do original de Gaetano Donizetti com libreto de Jules-Henri Vernoy de Saint-Georges e Jean-François Alfred Bayard. A ópera é interpretada pela Orquestra Filarmónica Portuguesa, sob a direção de Osvaldo Ferreira, com o coro do Festival de Ópera de Óbidos. A soprano Beatriz Maia assumirá o papel principal num elenco de oito atores.

A 7 de setembro, subirá ao palco *O Último Canto – Camões e o Destino*, uma ópera e libreto de César Viana adaptada do poema dramático *Camões*, do russo Vassili Jukovski (1787-1859), por Larysa Shotropa e João Lourenço, e de poemas de Camões. Encomendado por ocasião dos 500 anos do nascimento de Luís Vaz de Camões, que este ano se assinala, o espetáculo vai ser apresentado pela segunda vez ao público, com a participação do Coro Záve e do grupo Musicamerata Ensemble, com o barítono Luís Rodrigues (no papel de Camões). A 6 e 8 de Setembro, é apresentada *Maria de Buenos Aires*, uma ópera de câmara em duas partes, de Astor Piazzolla, com libreto de Horácio Ferrer.

Os bilhetes estão à venda a partir de hoje, variando entre os 12 e os 35 euros, consoante os espetáculos, que se realizam em locais diferentes, do Convento de São Miguel de Gaeiras aos Olhos d' Água.

Recorde-se que já este ano se realizou a primeira edição do Cascais Ópera, que, para além de ter homenageado Teresa de Berganza, grande nome do canto lírico, com uma ligação particular a Portugal, revelou alguns novos valores. A próxima edição está anunciada para abril e maio de 2025.

Em Oeiras, os jardins do Palácio do Marquês de Pombal vão receber as óperas *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni, e *Paglacci*, de Leoncavallo.

Opinião
Carlos Natálio

Cinema português: encontros, pontes, desafios

Na primavera do ano passado, teve lugar no Batalha Centro de Cinema no Porto a iniciativa Novos Encontros do Cinema Português. Este foi um projeto comissariado por três entidades: o próprio Batalha, o Cineclube do Porto e a Fundação Calouste Gulbenkian. Durante dois dias, foi possível reunir num mesmo evento alguns dos importantes intervenientes de quatro áreas matrizes do cinema português: Educação, Produção, Distribuição/Exibição e Crítica.

O projeto convidou quatro investigadores para levar a cabo, durante nove meses, uma auscultação a essas áreas, conduzindo uma série de entrevistas, questionários e recolha de informação relevante. No Encontro, cada investigador pode apresentar os dados referentes ao seu setor, servindo isso como mote para uma série de debates com vários conjuntos de convidados e, naturalmente, com o público.

Este mês, ficaram disponíveis numa publicação as conclusões destes Encontros. Das diferentes conclusões destaco, muito sumariamente, algumas ideias chave.

No campo da Educação, a necessidade de uma maior relação comunicacional e cooperativa entre os diferentes projetos no terreno, com reforço dos recursos e competências do Plano Nacional de Cinema, para a constituição de uma verdadeira rede colaborativa entre as suas ações e as diferentes iniciativas da sociedade civil.

Face à Produção, um foco na reformulação de um conjunto de procedimentos no ICA. Nomeadamente, ao nível da definição de políticas do cinema português, além das funções de financiamento, ou ainda a agilização de processos de apoio e um maior realismo dos recursos, face aos atuais custos de produção. Isto além dos problemas de sustentabilidade, diversidade geográfica nos apoios ou maior igualdade no acesso aos meios.

Além do reconhecimento do papel da crítica de cinema na formação do público, os Encontros destacaram a questão da precariedade dos seus profissionais. A necessidade de apoio à existência de mais plataformas, onde se pudesse desenvolver crítica com maior regularidade, é tida como o ponto de partida para uma melhor crítica, menos vulnerável às pressões da publicidade, e a garantia de um acesso mais igualitário e representativo de vozes.

Os Encontros revelaram ainda a dificuldade da distribuição e exibição do cinema português, nomeadamente pelo número diminuto de salas (e em particular fora de Lisboa e do Porto), pelos limites de financiamento a estas atividades ou ausência de quotas para a exibição do cinema nacional. Isto além do conhecido desequilíbrio, face ao controlo de parte substancial do mercado por parte de uma só distribuidora e a concorrência crescente com o *streaming*.

Tendo como natural inspiração a Semana de Estudos sobre o Novo Cinema Português de 1967, momento importante para a definição das políticas de financiamento da produção portuguesa, estes Novos Encontros pretenderam reativar a energia proporcionada pelas ideias de encontro, troca e mediação. Estas conclusões que agora se tornam públicas são assim um importante documento de trabalho para tornar a lógica do encontro recorrente e aí vislumbrar novas soluções e contruir caminhos de futuro.

Investigador na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR)

Família Google Pixel renovada. Quer tirar foto de grupo e aparecer também? Agora pode

TECH Empresa norte-americana escolhe agosto para lançar novo *hardware*. São três novos telefones – pela primeira vez aposta-se num modelo XL – dois relógios e fones. Tudo ainda com mais IA.

TEXTO **RICARDO SIMÕES FERREIRA**

À nona geração, a família de *smartphones* Pixel ganha um membro de maiores dimensões. O Pixel 9 Pro XL vem juntar-se à linha, que fica agora com três telefones (em lugar dos habituais dois, o "normal" e o Pro) sendo assim um produto para quem gosta de ecrãs maiores – ou tem alguma falta de vista...

Isto porque o XL tem um ecrã de 6,8 polegadas, contra as 6,3 polegadas do Pro e do normal (estes ambos do mesmo tamanho). Em relação aos modelos do ano passado, os Pixel 8, "cresceram" uma polegada – o 8 "normal" tinha um ecrã de 6,2" e o Pro de 6,7".

O tamanho do *chassis* maior permite ainda introduzir uma bateria com um pouco de mais capacidade no XL: 5060mAh contra 4700mAh no Pro. E também o carregamento rápido é mais eficaz no modelo maior – a Google anuncia 70% de carga em 30 minutos no modelo XL contra apenas 55% no outro.

De resto, o Pixel 9 XL tem exatamente as mesmas características do Pro, segundo foi revelado no início do mês à imprensa internacional pela Google – e apresentado ao público ontem.

Aliás, mesmo para o modelo "normal" as diferenças internas não são substanciais, excetuando a memória (os Pro vêm com 16GB de RAM contra 12 GB do "normal"). Os três incluem o novo processador de última geração Tensor G4, criado pela própria Google e otimizado para correr no *chip* algoritmos de Inteligência Artificial do Gemini Nano (o modelo para *mobile* de IA da empresa), o que permite oferecer praticamente os mesmos serviços de *software* nativo nos três aparelhos.

Entre elas, um inovador sistema de IA que permite a quem está a tirar uma foto de grupo pedir depois a uma dessas pessoas vir tirar uma segunda foto de forma a que o próprio apareça na imagem original. Mas já lá vamos...

A maior diferença entre os equipamentos é, assim, nas câmaras. Os Pro e Pro XL vêm equipados com aquilo que o fabricante apelida do "melhor sistema de câmara de sempre da Google". O que, tendo em conta o reconhecido histórico da linha Pixel para produzir fotografia via telemóvel, não é dizer pouco.

Câmara tripla com *zoom* ótico

Nos dois modelos Pro a Google instalou uma câmara tripla que oferece sistemas de *zoom* que, diz o fabricante, têm "desempenho com qualidade ótica de 0,5x, 1x, 2x, 5x e 10x". Isto porque o sistema de lentes utiliza a teleobjetiva para fazer *zoom* ótico até 5x e depois entre a conjugação de lentes, e os sensores de 50 e 48 megapíxeis presentes, a IA retira a imagem equivalente como se se tivesse lentes mais potentes. Este sistema "está disponível em vídeo pela primeira vez", afirma a marca.

Outra das novidades é o a melhoria do vídeo noturno, bem como da Otimização de vídeo – sistema em que o ficheiro tem de ser enviado para os servidores da Google para ser processado, mas que ficou prometido ter-se reduzido o tempo de processamento pois parte do trabalho é também já realizado no próprio telefone. Este serviço passa agora a estar disponível em vídeos até à resolução 8K.

A câmara frontal também foi atualizada, recebeu um sensor de 42 megapíxeis, prometendo-se assim maior sensibilidade e, como tal, *selfies* melhores mesmo com pouca luz.

Pixel 9 "normal" – duas câmaras, muitas promessas

Apesar de o modelo "que não é Pro" se distinguir aparentemente por ter uma câmara "mais fraca", esta não é à partida nada de deitar fora.

A principal tem um sensor de 50 megapíxeis e a secundária é uma *ultrawide* de 48MP para Macrofoco. Já a câmara de *selfies* passa a ter focagem automática, o que é uma novidade interessante

IA já conhecida melhorada e uma novidade

A Google continua a apostar nas ferramentas de IA para tratamento de imagem e a novidade nesta geração é o Adiciona-me – a referida funcionalidade que, promete o gigante do *software*,

Com este lançamento, o *smartphone* entra na nona geração, o *smartwatch* na terceira e os fones na segunda.

permite ao utilizador facilmente tirar a foto e depois acabar por aparecer na mesma.

O processo, segundo demonstrado, parece de facto simples: trata-se no fundo de uma sobreposição de duas fotos, realizada pela IA. Tira-se a primeira foto, o sistema mantém esta no ecrã, para referência, o "fotógrafo" passa o telefone a outra pessoa e põe-se em plano. A IA une as duas fotos numa só. Tudo feito diretamente no telefone, instantaneamente, sem recurso à "nuvem" – tal como acontece com a já conhecida funcionalidade Melhor Take, em que é possível combinar os rostos de várias fotos de grupo numa só.

O Editor Mágico, promete a Google, também foi melhorado, pois consegue agora reenquadrar automaticamente a sua foto e sugerir o melhor recorte.

Ainda quanto a serviços de IA, a série Pixel 9 vem já ativada com o Gemini, o mais avançado sistema de Inteligência Artificial da Google, no lugar do Assistant, que promete "ajudar a encontrar informações das *apps* Google, ajudar a fazer planos em qualquer lugar, como extrair os detalhes de uma festa de um convite no Gmail e sugerir floristas nas proximidades no Maps", por exemplo.

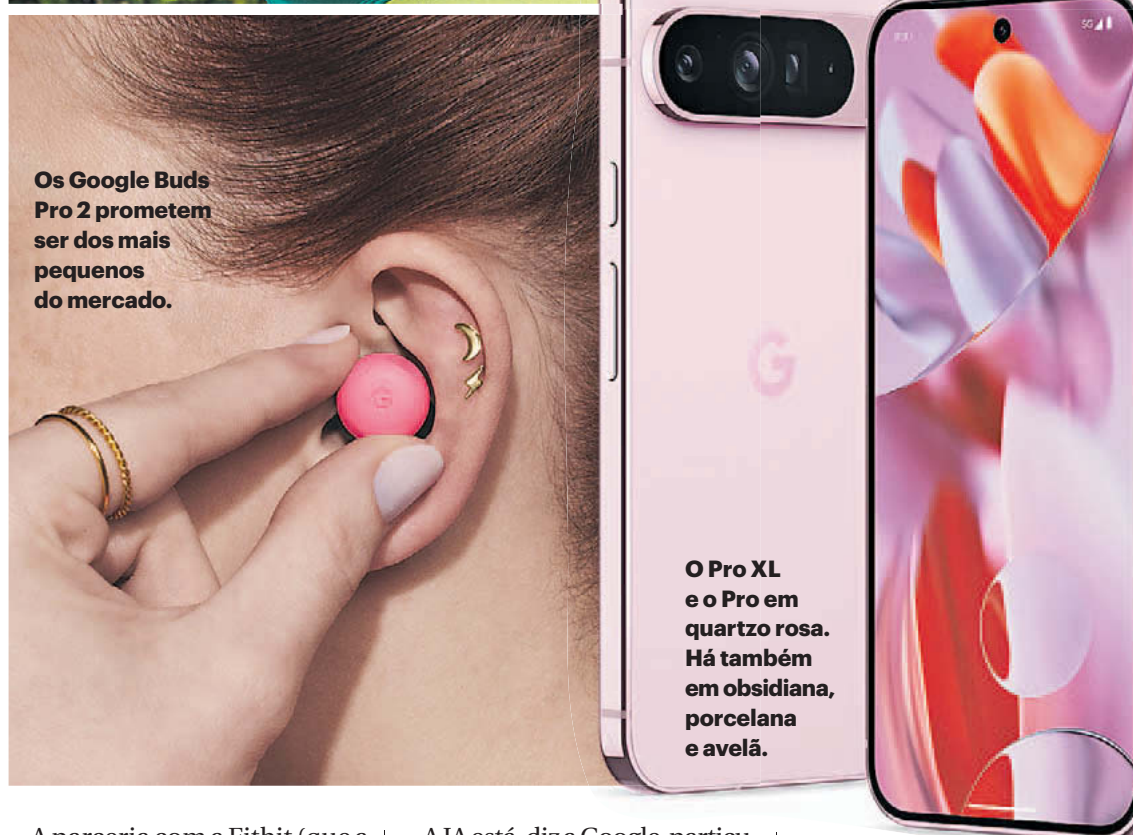
"Também pode conversar com o Gemini para saber mais informações ou agir de acordo com o que vê no ecrã", segundo se pode ler no comunicado enviado às redações.

Os *smartphones* chegam ao mercado nacional na próxima semana, no dia 22, com a pré-venda a iniciar-se agora na Google Store, Vodafone, Worten e Fnac – os parceiros Google em Portugal. Os preços começam nos 920 euros para o "normal", 1120 para o "pro" e 1220 para o XL.

O Pixel Watch agora são dois

Ao mesmo tempo que os três telefones, a Google lança dois *smartwatches*: o Pixel Watch 3, que (finalmente) é fabricado em dois tamanhos – de 41 e 45mm de diâmetro.

O Watch mantém o formato redondo, "imagem de marca" do relógio do fabricante norte-americano, e promete melhorias a nível de autonomia – apesar de continuar a não ultrapassar as 24 horas com todos os serviços ativos – e de rigor nas medições cardíacas, de sono, etc.

O Pixel Watch mantém-se muito vocacionado para o exercício, não fosse a Google dona da Fitbit.

Os Google Buds Pro 2 prometem ser dos mais pequenos do mercado.

O Pro XL e o Pro em quartzo rosa. Há também em obsidiana, porcelana e avelã.

A parceria com a Fitbit (que a Google adquiriu) e os algoritmos de IA fazem com que o enfoque no treino seja grande, com o fabricante a garantir que, este ano, foi dada grande prioridade na medição precisa dos dados em corrida.

A IA está, diz a Google, particularmente afinada para avisar o utilizador sobre quando e quanto tempo deve recuperar, para saber "quando o seu corpo está pronto para um treino exigente e até que ponto o seu coração está a trabalhar, para que não esteja a aumentar ou reduzir demais a exigência dos treinos".

Os relógios entram também já em período de pré-reserva, mas só estarão disponíveis em setembro. Pela primeira vez, chegará a Portugal uma versão LTE, ou seja, compatível com eSIM – liga-se à internet móvel e faz chamadas sem precisar estar próximo do telefone – num exclusivo da Vodafone.

> Pela primeira vez, os Pixel Watch chegarão a Portugal em versão LTE, ou seja, compatíveis com eSIM – ligam-se à net móvel e fazem chamadas sem precisar estar próximo do telefone – num exclusivo da Vodafone.

Buds Pro 2 – fones ficaram mais pequenos

Os novos fones da Google foram igualmente lançados esta terça-feira, também com previsão para chegar ao mercado nacional para setembro. Tendo em conta que – como escrevemos – os Buds Pro têm do melhor som que já ouvimos em aparelhos do género, esta nova entrada na família tem um desafio grande pela frente.

A Google promete ter conseguido isso mesmo ao introduzir nos fones o *chip* Tensor A1, responsável por "processamento avançado de áudio", incluindo o cancelamento ativo de ruído ambiente, que é conseguido analisando "até 3 milhões de vezes por segundo" o som exterior.

Estes fones são 27% mais pequenos do que os anteriores, mais leves, mas, garante a Google, têm maior autonomia. Mantêm as funcionalidades de IA como a Deteção de Conversas, em que os Buds "percebem" quando se começa a falar, colocam a música em pausa e mudam os auriculares para o modo Transparência. "Quando a conversa termina, a música é retomada automaticamente, e volta ao cancelamento ativo de ruído sem ter de fazer nada", descreve a Google.

Visto no "papel", tudo são evoluções bem interessantes na já avançada família de dispositivos que a Google, empresa de *software*, oferecia ao mercado. Ficamos à espera da oportunidade de os testar – e contar tudo!

Diario de Noticias

O aniversario de Aljubarrota 1385–1924

VOZ DO POVO, VOZ DE DEUS

(15 DE AGOSTO DE 1385)

ALJUBARROTA

A PADEIRA DE ALJUBARROTA

A QUESTÃO DA PESCA

VIDA POLITICA

A FESTA NO COLISEU

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 14 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

ALJUBARROTA

O que se firma em Aljubarrota não é só a existencia de Portugal como povo livre. Existir, com independencia maior ou menor, é o menos. Só gozam o dom da vida plena os povos e os individuos que vivem historicamente: e viver historicamente é ter exercido a sua função,—causal, fecunda, criadora, determinante,—na evolução de um povo ou da humanidade. O que não teve consequencias—deve esquecer-se. Um facto define-se pela sua função no fluxo de vida em que actuou, e a narrativa historica só é Historia quando os sucessos são considerados em relação áquilo que veio depois, e ordenados por conseguinte numa série processual, como agentes de transformação e factores de desenvolvimento da consciencia da nossa especie. Só são «historicos», em suma, os factos que tiveram efeito no espirito humano sobrevindo, e a sua historicidade é proporcional á sua energia de progressão, á sua capacidade de servir de degrau á ascensão futura da humanidade; a historicidade de um homem, ou de um povo, é o volume dos resultados que teve no mundo a sua acção.

Portugal, no periodo gerador da primeira dinastia, é um organismo que se constitui. Existe, mas não tem ainda valor historico. Não se sabe se será alguem na tragedia que representa o Homem. Para isso, é necessario que surja um facto que o faça destacar do côro de anonimos, dando-lhe um papel no evoluir do drama.

Tal é, ao que me parece, o significado de Aljubarrota.

O que vejo em Aljubarrota, portanto, não é uma luta de Portugueses e Castelhanos. O que aí importa para a Historia é menos a vitoria de Portugal sobre o reino de Castela do que, dentro da sociedade portuguesa, a vitoria da Burguezia sobre os aristocratas senhores rurais.

A aristocracia, os senhores rurais (que, como se sabe, se puseram do lado do Castelhano) constituem sempre em todos os povos um elemento de estabilidade, a que eles devem a pujança, a saude, a solidez do seu organismo. Não ha sociedade bem firmada, solidamente constituida, sem um «élite» provinciana, a qual forme ao longo dela uma série de ganglios coordenadores que lhe dão ordem e direcção; mas não ha tambem sociedade expansiva, das que têm na Acção um vasto papel, das que transformam a economia do mundo, sem o predominio progressivista, mas facilmente corruptor tambem, da burguesia do litoral.

Em Aljubarrota os aristocratas, combatendo pelo Castelhano, (o rei legitimo á face da lei) defendiam, naturalmente, os principios fundamentais do regime de que faziam parte, como seu elemento básico e genesico: estavam com a lei, portanto, de uma epoca que ia findar; estavam com o Feudalismo. Do lado do mestre de Avis vemos o burguês comerciante; e Nun'Alvares, adoptando este partido, saía do Feudalismo, e simbolizava assim esssencialmente o caracter da Cavalaria, instituição em que cumpre ver, ao cabo de contas, não, como é uso, um orgão do Feudalismo, mas um seu elemento de dissolução, como factor que sempre foi—desde o inicio das Cruzadas—do movimento para o Oriente e da expansão comercial.

O que se criou em Aljubarrota, em suma, foi o condicionamento social para a empresa dos Descobrimentos. A derrota definitiva do principio do Feudalismo, a vitoria do Comercio com o seu aliado a Cavalaria, eis, ao que julgo, o significado profundo dessa batalha, e a razão da sua importancia se a quisermos ver na historia humana, e não só á luz do sentimento patrio. A burguesia, enfim dominante, vai poder realizar a sua obra; de ali, alçando-se triunfadores sobre o corpo abatido da civilização rural, o Comercio e a Cavalaria, unidos, soltam o vôo que no fim de um seculo os há de levar a Calicut.

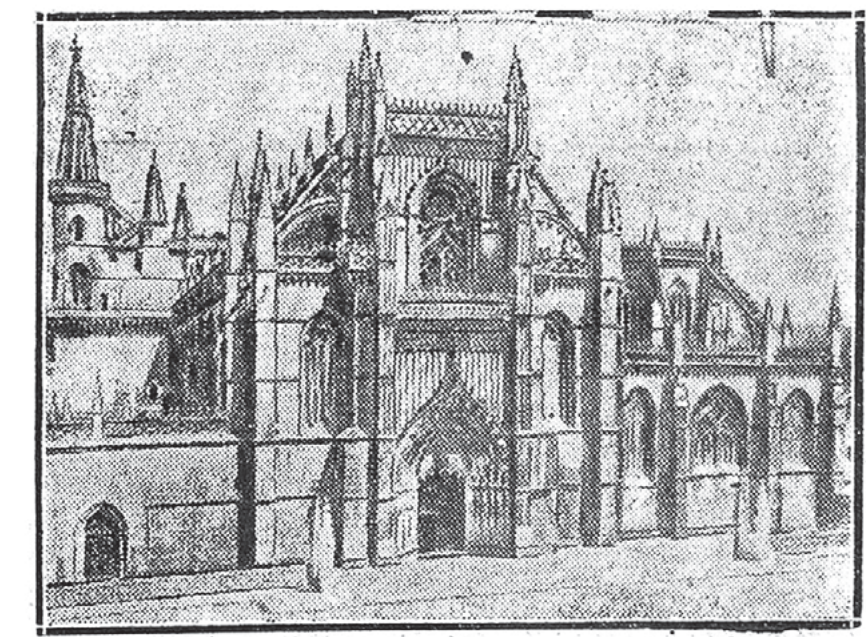
O que hoje recordamos, portanto, é o acto preliminar da epopeia das Navegações. Assim, ao que me parece, cumpre considerar Aljubarrota, para que vejamos nesta batalha, mais que um brilhante episodio dum antagonismo de nações, um verdadeiro momento «historico» na evolução da Humanidade.

ANTONIO SERGIO.

O aniversario de Aljubarrota
1385-1924

> Se, pois, a padeira de Aljubarrota é um «mito», uma invenção popular do seculo decimo quinto, nem por isso o despresemos. Um povo que dava a uma mulher odio bastante contra os opressores estranhos, para haver de assassinar a sangue frio sete desses inimigos; um povo, dizemos, que assim simbolizava o seu modo de sentir a tal respeito, devia saber sustentar a independencia nacional.
>
> ALEXANDRE HERCULANO.

> ... gloria-se um homem de ser Português, quando, folheando as nossas velhas crónicas, se lhe depara, resplandecente como os nomes mais gloriosos de que se ufana Roma, de que se ufana a França, este nome que por si vale um poema — Aljubarrota!
>
> PINHEIRO CHAGAS.

> Andavam já virotões no ar, e o condestavel a cavalo, na vanguarda, confortando a gente, trazia um escudo para se defender dos tiros. Recomendava muito a firmeza: quando os castelhanos arremetessem, adiantassem as lanças, apertando-as rijo contra o cotovelo. A grita era forte: alaridos e apupos. E para os lados do mar, o sol ia baixando rapidamente. A confusão crescia. D. João I lançava sobre o peito uma cruz vermelha; e ao lado do rei o arcebispo, com o seu roquete sobre a armadura e a Virgem por pluma no elmo, precedido da cruz alçada, ia de uns a outros, por toda a parte, confessando e absolvendo, em nome do papa Urbano; recomendando muito que dissessem repetid:: vezes:
> — «Et verbum caro factum est ...
> O que os rapazes traduziam, a rir:
> — Muito caro feito é este.
>
> OLIVEIRA MARTINS.

A PADEIRA DE ALJUBARROTA

DISTANTES, os povos, enquanto se travava a batalha, espreitavam dos altos e recantos a qual dos contendores pertenceria a vitória para depois, ou fugir com os vencidos ou abater sobre eles. Aljubarrota não faltou á regra. Os habitantes da vizinhança ouviram pelo menos o estrondo do combate e a suas mãos ficaram muitos dos fugitivos. As mulheres são por contumacia não só as mais ruidosas como as mais encarniçadas. Foram-no em todos os tempos e em todas as epocas. Aljubarrota teve tambem uma mulher e essa mulher que teve na vida, se existiu, o nome de Brites de Almeida, e a alcunha de a «Pesqueira», teve na historia o cognome glorioso de «A Padeira de Aljubarrota». Não é já uma mulher é um simbolo. Não é já um simbolo é a realização de um ideal. Portugal queria ser livre. Pequeno sim mas livre. E livre foi. Para isso deu o concurso do seu povo—que foi o primeiro—, deu o concurso do seu solo, deu o concurso das suas mulheres. E como as armou? De espada e cota? Não. A umas mostrando-se em mente aos namorados, a outras açulando os homens pelos caminhos. Brites de Almeida desceu tambem á chacina com a sua pá do forno, que muitos anos depois esteve emparedada para não constituir um trofeu. Não sabemos o que fez. Sabemos apenas que quando ela voltou encontrou prostrados de medo e lazeira, dentro do seu forno, sete guerreiros. Então realizou a mesma façanha que as tropas abissinias haviam, em nossos tempos, de realizar com as italianas. Apanhá-las á saída de um desfiladeiro. Uma boca de forno está para um enfornado como um desfiladeiro. E cada um que saía era derrubado. Uma pancada certeira o prostrava.

Mas quem era Brites de Almeida. Uma heroina, não resta duvida. Dizem uns que era de Faro, outros de Aljubarrota. Atribuem-lhe coisas espantosas, como a de, sendo pedida por um soldado, só aceder ao casamento se fôsse vencida em combate singular. Este realizou-se e o soldado morreu. Dizem que esteve presa dos mouros e foi mulher de uma cana mais rija que um varão de aço inquebravel. Que andou a monte disfarçada em almocreve, que roubou á dona a padaria onde fez a hecatombe. Contam dela façanhas incriveis. Terão sido verdadeiras? Serão falsas? Quem o sabe. Mas seja como fôr a padeira de Aljubarrota é um nome, é uma lenda. Abençoada lenda que mostra que Portugal não morreu, que Portugal não morrerá. Não morre uma terra em que as mulheres disputam aos homens os sete palmos de morte que dão na Historia direito a duas linhas de prosa. Não morre um povo em que mães e esposas apontam aos homens o caminho a seguir. E' verdade que a padeira tivesse existido? Bem. Houve mais uma grande mulher em Portugal. E' lenda? Melhor ainda. Mostra que até quando elas faltam o coração português as imagina. Houve fé. Bendito Deus. Deus nos dê fé. Dizem que ela remove montanhas. Não sei. Sei apenas que pelo menos ela matou sete castelhanos. Preguntem do norte ao sul de Portugal: sete. Nem um menos. Sete. Perigos de peste? Ah! meus amigos: um inimigo da patria nunca cheira mal. Pensavam assim os higienistas e pensava assim Brites de Almeida, a que é eterna como os fornos de cozer pão, eterna como a recordação de Santa Maria da Vitória, entre as mulheres portuguesas.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO.

Lille atira Mourinho para a Liga Europa

Um dos principais objetivos da época para o Fenerbahçe de José Mourinho ficou já por terra, com a eliminação aos pés do Lille na pré-eliminatória da Liga dos Campeões. Depois da derrota (1-2) em França, a equipa turca conseguiu levar ontem o jogo para prolongamento, com um autogolo de Diakite. Mas o Lille marcou de penálti no tempo extra e atirou Mourinho para a Liga Europa.

OZAN KOSE / AFP

"Ser Professor". Governo lança campanha para atrair docentes

EDUCAÇÃO Ministério quer evitar novo ano letivo marcado pela falta de professores. Campanha explica passo a passo as formas de ingressar na profissão.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Chama-se "Ser professor" e foi lançada ontem pelo Ministério da Educação (ME). Trata-se de uma campanha que tem como objetivos atrair mais pessoas para a profissão docente, sensibilizar para a importância e vantagens da profissão e motivar outros profissionais.

No *site* da Direção-Geral de Educação (DGAE), o ME explica aos interessados que: "O Ministério da Educação, Ciência e Inovação lançou o Plano +Aulas+Sucesso (Plano +A+S) para prevenir que os alunos fiquem sem aulas ao longo do ano letivo 2024/20252". "Algumas medidas são aplicadas já no próximo ano letivo, com foco particular nas escolas sinalizadas (em escolas de diversas zonas do país, com maior incidência na Área Metropolitana de Lisboa, Alentejo e Algarve), onde os alunos são mais prejudicados com a falta de aulas", pode ler-se. E para ajudar aqueles que possam querer, pela primeira vez, dar aulas, a campanha esclarece quem o pode fazer e como o fazer, com um "Guião da profissão docente".

Das 15 medidas anunciadas pelo ME em junho, o *site* da campanha (*https://www.dgae.medu.pt/ser-mais-professor*) destaca quatro e associa-as a frases de incentivo: "Ser Professor é Escolher o Futuro" (atribuição de bolsas para alunos que ingressem em licenciaturas e mestrados em Ciências da Educação / Ensino); "Ser Professor é um Novo Percurso" (recrutamento de bolseiros de doutoramento, atrair mestres, investigadores e doutorados para o exercício de funções docentes); "Ser Professor é Continuar Jovem" (incentivar o prolongamento da vida ativa dos professores) e "Ser Professor é Voltar à Escola" (viabilizar a contratação de docentes aposentados com remuneração extra).

Recorde-se que, aquando da apresentação do plano "+Aulas +Sucesso", o ministro da Educação, Fernando Alexandre, classificou o elevado número de alunos sem aulas no último ano letivo como "um verdadeiro drama nacional".

Em setembro de 2023 havia mais de 324 mil alunos sem aulas a pelo menos uma disciplina, um número que foi reduzindo ao longo do ano letivo, mas que afetava ainda cerca de 22 mil alunos no final do mês de maio. Segundo o ministro, quase mil alunos não tiveram professores a pelo menos uma disciplina desde o início do ano letivo 2023/2024. Uma situação que o ME não quer ver no próximo ano letivo. O titular da pasta da Educação pretende reduzir em 90% o número de alunos sem aulas até dezembro.

BREVES

Covid-19. Infeções e mortes aumentam

As infeções por covid-19 no mundo aumentaram 30% e as mortes 26% entre 24 de junho e 21 de julho, indicou a Organização Mundial da Saúde (OMS). Segundo a OMS, registaram-se nesse período 186 mil novos casos e mais de 2800 mortes, o que significa um aumento de 30% e 26%, respetivamente, face ao período precedente, de 27 de maio a 23 de junho.

A organização assinala que os números devem ser interpretados com reserva devido à diminuição dos testes de diagnóstico e sequenciação genética do Coronavírus que causa a covid-19, bem como aos atrasos de notificação em muitos países.

De acordo com a agência da ONU, 95 países notificaram infeções e 35 registaram mortes. No mesmo período em análise, entre 24 de junho e 21 de julho, foram reportadas mais de 23 mil hospitalizações e mais de 600 novos internamentos em unidades de cuidados intensivos, representando um aumento de 11% e 3%, respetivamente, face ao período de 28 dias anterior. Foi sobretudo na Europa e na América que foram notificadas mais hospitalizações e internamentos em cuidados intensivos.

SpaceX lança 1.ª missão tripulada sobre os polos

A primeira missão espacial tripulada que sobrevoará as regiões polares da Terra irá descolar dos Estados Unidos até ao final do ano, a bordo de uma nave *Dragon* da SpaceX, anunciou a empresa aeroespacial norte-americana. A missão, que partirá da Florida, terá a duração de três a cinco dias e tem o nome de *Fram2*, numa evocação ao navio norueguês que fez as primeiras viagens às regiões polares da Antártida e do Ártico.

A bordo da nave *Dragon* seguirão quatro tripulantes, todos estreantes num voo espacial, comandados pelo empresário Chun Wang, um dos pioneiros das criptomoedas (dinheiro digital). Wang será acompanhado pela cineasta norueguesa Jannicke Mikkelsen, que comandará a nave, pelo explorador polar australiano Eric Philips, piloto do veículo, e pela investigadora alemã em robótica Rabea Rogge, que será a especialista da missão. Segundo a SpaceX, a missão espacial *Fram2* será a primeira tripulada que irá explorar a Terra desde a sua órbita polar e sobrevoar as regiões polares do planeta.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56727
5 605290 023002